

Jm Latinoaelho.

JOSÉ MARIA LATINO COELHO.

Estes apontamentos biographicos dizem respeito ao sr. José Maria Latino Coelho, official do exercito, professor, jornalista, poeta, deputado, orador e socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa. A poucos homens deu a opinião publica direito mais incontestavel a occupar um logar n'esta galeria, n'esta especie de antiga salla de espera, onde se vão pendurando, um a um, os retratos de quantos honram a nossa casa portugueza.

O homem de quem o exercito aguarda valiosos serviços, de cuja instrucção a mocidade estudiosa conta aproveitar-se largamente, cuja facilidade e copia enexgotavel todos os periodicos cubiçam para si, cujos ensaios poeticos só careciam de perseverança para alcançarem uma corôa, cuja auctoridade politica se firmou de si propria, cuja palavra eloquente ganhou desde logo a sympathia publica, e cuja aptidão litteraria a Academia se apresou a perfilhar, merecia, por certo, penna mais auctorisada do que a nossa.

Não sabemos se nos perdoarão a ousadia de tomarmos sobre os nossos hombros esta tarefa. Conhecemos quanto é difficil cumprir com o que está pedindo a qualidade do sugeito, e o amor tão justificado que lhe tem esta boa cidade e todo o reino, mas não nos foi dado hesitar. Tivemos que obedecer á vontade de

um amigo a quem ás vezes o muito grande affecto com que nos distingue, faz crer que somos para mais do que realmente podem as nossas forças.

Podíamos resistir. Não quizemos. Custava-nos ter que ceder para outras mãos um dos mais formosos pendões de exercito litterario de Portugal, e no fim de tudo — depois de um severo exame de consciencia — viemos a entender, que se nos faltavam algumas das qualidades necessarias para o assumpto, sobejavam-nos outras que talvez darão maior realce a esta noticia.

Ha homens a quem a camaradagem litteraria faria incorrer em suspeição perante o publico ao escrever ácerca de um mancebo tão querido de todos. A longa auzencia em que a nossa má estrella nos trouxe da patria, e a que ainda hoje nos condemna de novo, poem-nos fóra do alcance d'esta accusação. Admirâmos muitos dos nossos compatriotas. Amâmos a todos. Não somos camaradas de nenhum.

Ha homens que parecem ajustados com o visinho a celebrarrem-lhe os dotes, e a serem glorificados por elle, e que na salla de armas litteraria só sabem cruzar ponto de admiração com ponto de admiração. Não somos d'esses.

Ha homens a quem tudo desagrada, que estam sempre dispostos a censurar, ás vezes o que não entendem, e muitas o que não eram capazes de fazer; homens de máu humor litterario, que ou querem em demasia ás lettras ou a si proprios. Tambem não somos assim.

Ha homens invejosos de todos os triumphos litterarios, a quem faz falta o ar que os outros respiram, e que cuidam que se acabam as palmas, quando a mão da publica opinião ceifou algumas para um mortal qualquer. Não somos invejosos. Só teriamos inveja a quem o fosse menos do que nós.

Ha homens que se declararam rafeiros do campo das lettras patrias e estranhas, e que refilam o dente a quem pertende abrir o escangalhado cancello que outr'ora vedava a entrada, e que hoje até cevados deixa passar a revolverem e a estragarem tudo. Não temos dentes para tão continuado exercicio.

Venerâmos o talento, admirâmos a instrucção que o apura e desenvolve, e acatâmos com respeito profundissimo a applicação proficua d'esses grandes dotes, a constancia no trabalho, o bom senso na direcção, e a utilidade dos resultados. Ahi paramos gostosamente em contemplação extatica, descobrimos a cabeça, e saudamos com vivo prazer de alma, e com um sentimento de orgulho nacional que cada vez é mais vivo no nosso coração.

Agora que démos conta do assumpto d'este pequeno escripto,

dos motivos que nos moveram a tomal-o a nosso cargo, e das qualidades que nos assistem na empreza, é tempo de pedir que se esqueçam de nós, e que attendam unicamente á succinta e incompleta noticia que vamos dar do cavalheiro, cujas feições espirituosamente finas a Revista estampou hoje na sua primeira pagina.

II

O Sr. José Maria Latino Coelho está proximo de trinta e cinco annos. A Revista Peninsular de Janeiro de 1856 diz que nascera em Lisboa a 29 de Novembro de 1825. Seu pae João Alberto Coelho era capitão de artilheria, e professor de mathematica. Foi elle quem deu os primeiros cuidados á educação litteraria de seu filho. A historia ha de lançar na folha das dividas nacionaes em favor d'esse cavalheiro uma parte do muito que o seu feliz educando já tem dado e está ainda promettendo á nossa terra. A mãe do Sr. Latino Coelho é a Sr.^a D. Maria Henriqueta Latino Martins de Faria Coelho.

Os primeiros annos do Sr. Latino Coelho indicaram o muito para que havia de ser este menino a cujo impulso se abriam tão facilmente as portas do saber. A presteza com que, em um anno de estudo, fez sua a lingua latina, maravilhou os proprios mestres. Está o latim collocado no cabo tormentoso que separa de ensino primario a instrução secundaria, e muitos dos que comprehendem a viagem desanimam diante do vulto horrendo d'este fero, Adamastor. O Sr. Latino Coelho não careceu de grande esforço para *lhe arrostar as iras e para ouvir sem medo*

Os amarellos dentes a ranger-lhe
Por entre os furacões d'atra procella

verdadeira procella de regras de arte, de significados, de themas, e de mil outros trabalhos cansativos e fastidiosos. Com a lingua de Hesiodo e de Homero houve-se com igual denodo e com aproveitamento notavel.

Esses progressos que podemos chamar infantís, encontramos registrados no periodico que já citámos. Ali nos deixou um amigo do Sr. Latino a prova mais valiosa do alto conceito em que o joven estudante era tido pelos seus mestres quando apenas contava doze annos. Presidia aos exames do Lyceo de Lisboa o nosso eximio Francisco Freire de Carvalho, e quando chegou a vez do Sr. Latino, o illustre professor disse-lhe: *Eu não lhe faço pergun-*

tas. Queira discorrer sobre qualquer ponto da sua escolha. Tanta era já, exclama com rasão o biographo, a fama da sua applicação, verbosidade e desembaraço! Grande devia ser com effeito para que tal mestre ousasse sugeitar esses dotes á prova de uma dissertação *de omni scibili!*

Aos treze annos começou o curso da Escóla Polytechnica. N'esta carreira scientifica, cujas difficuldades e rigor de exames são proverbias, estava reservada para o Sr. Latino Coelho a mais abundante colheita de palmas de que ha memoria nos fastos escolares. Em nove aulas obteve o primeiro premio, da de calculo saiu tambem com distincção, e na de introduccção á historia natural alcançou o primeiro lugar. E mais eram onze disciplinas differentes, para cujo estudo se concediam apenas quatro annos!

Da Escóla Polytechnica passou para a do Exercito ao qual já pertencia desde o seu assentamento de praça no regimento n.º 16. Nomeado alferes alumno continuou os estudos militares, e n'elles ganhou distincções não menos valiosas. Foi então despachado alferes effectivo, quando já tinha conseguido ser provido na substituição da cadeira de mineralogia e de geologia da Escóla Polytechnica depois de um brilhantissimo concurso publico, que ainda não esqueceu. Em 1851 foi promovido a tenente de engenheiros pelo Marechal Duque de Saldanha, constante protector de quantos podem contribuir para a gloria e para o aperfeiçoamento do Exercito Portuguez.

Duas das mais distinctas escólas do reino honravam-se de ter contado no numero dos seus alumnos este mancebo que entrára então nos vinte e seis annos. A Escóla Polytechnica mostrava-o na lista dos seus professores, como esperança viçosa de gloria para ella, de desenvolvimento para a sciencia, e de proveito para a mocidade. No exercito o seu nome era citado com o apreço que tão inquestionavel aptidão concilia sempre. O governó via com gosto paternal transformar-se em arvore frondosa a tenra planta que nos jardins officiaes do ensino despontára com tão esplendido viço.

III

O publico é que não estava satisfeito. Habitudo a ver manifestar na imprensa periodica as premicias de todos os engenhos, admirava-se de não encontrar ali o nome do Sr. Latino Coelho; invejava a fortuna da Escóla Polytechnica, e queria que dos fructos de tão vasto engenho lhe fosse destinada uma porção. Amiudavam os convites, mas a modestia quasi sempre inseparavel

do verdadeiro saber, ou deliberação formal de consagrar-se inteiramente aos seus deveres de professor, arredou por muito tempo da arena jornalística o joven tenente de engenheiros.

O biographo da *Revista Peninsular*, que por nos parecer bem informado seguimos n'estes apontamentos, attribue a um *padecimento nervoso, a uma melancolia entranhada e invencivel* a resolução tomada pelo Sr. Latino Coelho de entrar na redacção do *Farol*, bem que já a esse tempo a *Epoca* tivesse tido a fortuna de publicar algumas delicadas poesias do distincto professor. Foi em principios de 1849 que o Sr. Latino Coelho encetou a carreira de escriptor litterario e politico, e desde os primeiros ensaios mostrou logo com quanta rapidez e facilidade a devia percorrer deixando apoz si muitos que de longa data o precediam. O *Farol* em que, se a memoria nos não engana, collaborava o Sr. Antonio de Serpa, foi n'essa quadra um dos periodicos mais apreciados e lidos em Lisboa e no reino.

Era então a *Revolução de Setembro* o primeiro jornal politico de Lisboa não só pela qualidade dos homens que n'elle escreviam, como pelo renome que lhe déra a lucta constante e corajosa, em que andára por largo espaço contra o poder. O Sr. Latino Coelho estreou-se n'esse jornal como escriptor politico, e a collecção da *Revolução de Setembro* encerra materia para muitos volumes, devida á penna do nobre professor. Ali nos coube amiudadas vezes ser testemunha da incomparavel facilidade com que o Sr. Latino Coelho enriquecia as columnas d'aquelle diario, e observar a especialissima aptidão com que sabia adornar das mais finas galas de estylo e de linguagem os assumptos mais triviaes ou mais aridos.

Não nos é possivel seguir o joven escriptor n'esse trabalho incessante, nem julgamos necessario recordar aos leitores cada um dos artigos de que os sabemos lembrados. Basta dizer que foi geral o espanto ao ver que o mancebo que consagrara os seus primeiros annos ás sciencias exactas, e que n'ellas ganhára uma apoz outra todas as coróas, parecia ter passado esse tempo no estudo reflectido dos nossos melhores classicos, a colher-lhes todas as bellezas, e a accomodal-as elegantemente ás exigencias e uso do nosso tempo.

Redactor principal da *Emancipação*, collaborador da *Revolução de Setembro*, redactor da *Semana* em 1851, o Sr. Latino Coelho escreveu tambem na *Revista Popular* e no *Panorama* onde publicou a biographia de Almeida Garrett. No *Portugal Artistico* deixou paginas de incontestavel importancia. Ha entre ellas uma consagrada a Cintra, que é um documento eterno da riqueza e

formosura da nossa linguagem portugueza, e uma das mais bellas producções do Sr. Latino Coelho.

IV

No anno de 1852 publicou o Sr. D. Senibaldo de Mas, antigo embaixador de Hespanha na China, uma memoria em favor da união pacifica de Hespanha e Portugal, e na edição portugueza coube ao Sr. Latino Coelho escrever o prologo que foi lido com avida curiosidade. A idéa de fazer dos dois reinos da Peninsula uma grande nação, devia agradar a um espirito elevado como o do Sr. Latino Coelho nas circumstancias politicas de então, a todos os respeitos differentes das actuaes.

Andavam os hespanhoes mal avindos com o seu proprio governo; prevendo uma grande revolução em Hespanha, estudavam com affinco os meios de a dirigirem de modo que para o futuro ficassem sufficientemente asseguradas as instituições liberaes. Parecia-lhes a elles que a dynastia hespanhola odiava a liberdade, e que antes queria succumbir na luta do que ceder ás reclamações do partido liberal. Olhavam então para Portugal com virtuosa inveja do governo reformador e livre que n'este reino fa melhorando as instituições, aperfeiçoando a legislação, e dissipando os odios e rancores politicos. D'ahi brotou de novo nos animos hespanhoes a idéa iberica, que por impossivel que fosse na pratica, era sempre uma homenagem ao nosso bom juizo e ao progresso incontestavel da nossa civilisação.

A revolução de Hespanha em 1854 reconciliou os hespanhoes com a dynastia. A rainha D. Isabel attendeu aos votos dos seus subditos com benevolencia maternal e os liberaes que tinham derramado tanto sangue para fazer triumphar a causa d'aquella princeza, esqueceram desde logo a idéa de uma mudança que não encontrava em Portugal appoio algum nas pessoas, de cujo consentimento essencialmente dependia.

É aqui occasião de dizer que nenhum outro publicista poderia advogar melhor do que o Sr. D. Senibaldo de Mas a idéa da união iberica. O character honestissimo d'este cavalheiro, a sua elevada intelligencia, a variadissima instrucção de que é dotado, o seu affecto aos portuguezes, e a delicadeza de trato e bondade de alma com que realça essas qualidades, já de si muito superiores, contribuíram de certo poderosamente para que as idéas explicadas na memoria iberica do diplomata hespanhol, achassem no animo de alguns dos nossos escriptores acolhimento favoravel.

Os successos posteriores transformaram em impossibilidade pratica a hypothese da união, e deixaram á mercê dos visionarios politicos o plano do Sr. D. Scibaldo. Algum conspirador obscuro ficaria ainda a sonhar no grande imperio peninsular, mas os homens de vulto nos dois reinos deixaram para logo a arena em que a discussão de uma contingencia politica podia parecer tentativa criminosa e desleal.

O Sr. Latino na variadissima multiplicidade dos seus trabalhos litterarios e politicos não esquecia então a escola de que fôra sempre ornamento, quer na qualidade de discipulo, quer na de professor. Ao passo que se entregava com incansavel actividade ás lides de que demos noticia, e que se applicava com equal tenacidade ao estudo das principaes linguas da Europa, escrevia um *Curso de Elementos da Historia Natural* para uso dos alumnos da Polytechnica, e preparava de accordo com outros professores a *Encyclopedia das Escolas d'Instrucção Primaria* que mais tarde foi publicada, com approvação do Cardeal Patriarcha na parte concernente á doutrina christã.

Na *Revista Peninsular* que temos diante de nós, foi o Sr. Latino Coelho um dos mais notaveis collaboradores, escrevendo diferentes artigos no idioma hespanhol, no qual se mostrou tão copioso e aprimorado como na lingua portugueza. E não só n'aquelle jornal mas em muitos outros publicou escriptos excellentes, cujo exame e noticia pediria mui larga escriptura.

Nas eleições supplementares de 1854 foi eleito deputado por Lisboa, e em 28 de Março de 1855 estreou-se como orador ganhando n'este primeiro ensaio a consideração e sympathia da Camara, e os applausos do publico. Os jornaes de então compararam o joven orador a Cicero e a Mirabeau, e apenas lhe notaram uma certa propensão epigrammatica que todavia sendo dirigida com sobriedade discreta, pôde ser na tribuna um dote precioso.

Em 1856 e em 1860 voltou á Camara dos Deputados a representar os povos da ilha do Fayal, que acudiram benevolos a reparar o ostracismo com que os eleitores do reino tinham correspondido ás brilhantes qualidades parlamentares do illustre professor. O povo tem seus quartos de hora de ingratição, e não é sempre á superioridade do talento, e á grandeza e elevação das idéas que elle presta voluntariamente o testemunho publico do seu voto.

O governo chamou em 1852 o Sr. Latino Coelho para a Commissão Central de Pesos e Medidas; em 1854 nomeou-o Membro do Conselho Dramatico, e em 1859 deu-lhe no Conselho Superior

de Instrucção Publica o lugar que só desarrasoada inveja — mais honrosa que a propria nomeação — lhe poderia ser negado. A Academia Real das Sciencias já tinha a esse tempo aberto as suas portas ao Sr. Latino Coelho que de socio effectivo passou em breve a occupar o cargo de secretario, exercido em todos os corpos scientificos e litterarios da Europa por homens qualificadissimos. O *Diario de Lisboa* foi tambem entregue á direcção d'este mancebo.

V

Na rapida enumeração dos trabalhos do Sr. Latino Coelho, talvez omittimos por esquecimento ou ignorancia algum assumpto no qual o nosso illustre compatriota fizesse á nação quer nas sciencias, quer nas letras, quer na política, serviços valiosos. A culpa não é nossa. A modesta abnegação com que o Sr. Latino trata de tudo quanto diz respeito aos seus interesses pessoais, affastou do nosso alcance alguns documentos que poderiam completar esta noticia.

Não conseguimos um exemplar do elogio do Sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, justa homenagem ao maior vulto dos annos parlamentares e politicos do Portugal moderno. A leitura do Elogio Historico de D. Fr. Francisco de S. Luiz recitado na Academia Real das Sciencias em 19 de Novembro de 1856 augmentou-nos a magoa de não ter podido obter o outro, em que de certo não foi menos brilhante a proverbial facundia do joven academico.

A aptidão encyclopedica do Sr. Latino Coelho é incontestavel. Não sabemos de talento mais fecundo, mais facil em produzir, mais rico na variedade dos fructos, mais elegante na fórma, e mais flexivel e proprio para todos os generos a que o desejem applicar. D'esta capacidade universal — e por isso mesmo universalmente requerida — devia resultar a accusação de descurar alguns dos assumptos confiados ao seu cuidado e diligencia, como se estivesse na mão do homem augmentar as horas de cada dia! Onde o tempo fallece, cessa a responsabilidade de quem para acudir a tudo teria de transtornar a ordem da natureza.

Se o Sr. Latino Coelho fosse menos benevolo em ceder ás sollicitações que sempre e para tudo o reclamam, e se recuasse dos trabalhos de interesse publico para os cuidados especiaes da sua reputação e credito litterario, que nunca duvidou immolar no serviço do Estado, haviam de accusal-o de egoista, e lamen-

tariam a falta irreparavel que com a sua abstenção soffressem tudo quanto agora vive da sua iniciativa.

Pela nossa parte teriamos desejado que o illustre professor se consagrasse especialmente ás sciencias ácerca das quaes Portugal soffre repetidas accusações de pobreza, e que nas horas de repouso que lhe deixassem as honrosissimas lides do magisterio, preparassem alguma obra litteraria de grande alcance, d'aquellas de que temos necessidade, e para as quaes lhe sobejam os dotes. A utilidade publica e a gloria de nobre mancebo se dariam as mãos n'esta applicação de tão avultado engenho.

É talvez tarde para a realisação d'este desejo. Embora. A nação portugueza tem na aptidão universal do Sr. Latino Coelho um monumento de gloria de que póde desvanecer-se, e por certo mui pouco vulgar tanto entre nós como nos reinos estrangeiros.

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

RECORDAÇÕES, LENDAS E CONTOS DA MINHA TERRA

TRISTE CONFORMIDADE DO INFORTUNIO

I

O convento de Santa Joanna

L'abbaye d'Haute-Combe, tombeau des princes de la maison de Savoie, s'élève sur un contre-fort de granit, au nord, et jette l'ombre de ses vastes cloîtres sur les eaux du lac. Abrite tout le jour du soleil par la muraille du mont du Chat, cet édifice rapelle, par l'obscurité qui l'environne, la nuit éternelle dont il est le seuil pour ces princes descendus du trône dans ses caveaux. Seulement, le soir, un rayon de soleil couchant le frappe et se réverbère un moment sur ses murs comme pour montrer le port de la vie aux hommes, à la fin du jour.

RAPHAEL. — *Lamartine.*

Está a dar meia noite no convento do Coração de Jesus. Nunca me pareceu tão solemne a voz sonora e grave d'este sino, que vem agora interromper o silencio da noite, vibrando ainda no ar como se fossem os lamentos repetidos de uma queixa de angustia.

Ha muita gente que antipathisa com os sinos. A poesia dos campanarios, como toda a poesia em que a religião e a melancolia, a casta e contemplativa musa do christianismo, se inspiram mutuamente e unem para erguerem a alma ás regiões infinitas do pensamento, não póde agradar de certo, nem ser comprehendida pelos espiritos levianos, que só encontram attractivo no bulicio tumultuoso e sensual dos espectaculos theatraes, e na ruidosa uniformidade da existencia facticia dos salões. A frivolidade das gentes do mundo carece d'esta existencia de sensualidades, de estimulos, rodeada do tumulto dos objectos exteriores, porque a frivolidade não pensa, não se eleva, faltam-lhe as azas da phantasia e os impetos do coração para lhe elevarem a idéa aos espaços sem fim da contemplação e do amor, e tão pouco arde n'ella esse fogo intenso e sacratissimo que inflamma o espirito do homem, e ao mesmo tempo lhe enche de clarões as veredas onde se escondem, aos olhos vulgares, os thesouros preciosissimos das maravilhas da criação e os mysterios com que

a inspiração enriquece o coração e a mente do poeta. Para o poeta (e todo o homem é poeta, pelo menos uma vez na vida. E ai d'aquelle que o não fôr, porque n'elle não existem de certo as occultas e suaves relações que nos põem em mysteriosa comunicação com as harmonias da natureza!), para o poeta, para o espirito contemplativo, repetimos, ha sempre uma ordem de idéas e uma ordem de sentimentos nas cousas que parecem mais vulgares. Um campanario brando pela voz harmoniosa do seu carrilhão, não se lhe affigura um simples edificio sem significação, senão aquella mais positiva; apresenta-se, pelo contrario, como uma parte dos monumentos christãos chamados cathedraes, bazilicas e egrejas, prendendo-se por mil sympathias Moraes à muitos dos pensamentos, dos transes, das esperanças e dôres da vida. É realmente maravilhoso ter encontrado o segredo de fazer nascer, no mesmo momento, e com o simples toque de uma sineta, um unico sentimento em milhares de almas obrigando os ventos e as nuvens a serem os mensageiros do pensamento dos homens. A harmonia dos sinos possui uma infinidade de relações secretas com o espirito do christão. Quantas vezes, ao chegarmos a uma aldeia, a voz de dois sinos, em dobre singello e plangente, nos enche de tristeza, e povoa a imaginação de todas essas imagens de morte que rodeiam a familia afflicta e inconsolavel do finado! Um repique rompendo os ares com os primeiros arrebôes da madrugada, convida-nos, pelo contrario, á alegria, e o espirito parece que se dilata, espairecendo com essas vozes sonoras que se diffundem na região das nuvens. Mas lá vem escura a noite e o horisonte, enluctado com o negro cortejo da tempestade, apenas repercute o aviso do ensino, que nos pin-caros do porto de mar annuncia ao piloto os escolhos onde pôde encontrar o naufragio e a morte. E que poesia não encerra esse sino de balada allemã, agitado pela mão dos fantasmas na velha capella da floresta! A imaginação confunde-se, e ao mesmo tempo deleita-se correndo atraz dos sons vagos, que, como uma voz de mysterio, espalha o campanario deserto. Cada arvore que o rodeia affigura-se-nos um fantasma, e o sussurro do proprio vento rumorejando no bosque visinho, preocupa-nos como se fosse o genio d'aquelles logares tristes e solitarios que os percorresse no seu fadario inquebrantavel.

Dans le clocher de mon village

Il est un sonore instrument,

Que j'écoutais dans mon jeune âge

Comme une voix du firmament.

E esta voz do firmamento, de que falla Lamartine, nunca me pareceu realmente tão verdadeira como n'esta occasião, em que a noite era silenciosa, e os eccos da natureza parece se haviã combinado para diffundirem n'uma vibração prolongada e triste a toada do sino que soára por doze vezes. Foi como uma alma e uma voz que vieram exprimir as idéas do quadro que se apresentava á minha vista. Era um quadro de indefiniveis contrastes, como é sempre, observada de quaesquer eminencias, ea estas horas, a perspectiva de uma cidade, cujos grupos de edificios surgem com agradável confusão do fundo dos vales cavados pelas collinas que lhe recortem e cinjam o horisonte de aspectos variados, e isto tudo envolvido nãs sombras e nos mysterios do véu da noite.

Da minha janella, no alto de Valle-do-Pereiro, gosava-se n'esta occasião da poesia de todos estes contrastes. Ao longe entre a encosta de S. Pedro de Alcantara e a subida da montanha do Castello, formando uma larga garganta aberta sobre uma nesga do Tejo, que fecha ao largo o horisonte, negrejavam n'um confuso labyrintho os encruzamentos das casarias da baixa. A lua a prumo das agoas do rio, semeava-as de tremulas escamas de prata, e tingia de pallidos toques de uma claridade baça os topos dos edificios, como se fossem as combinações perspecticas de uma scena de theatro.

Seguiam para o norte as collinas da Graça, do Monte, do Campo de Sant'Anna, e de Arroyos, que recortavam o horisonte em linhas angulosas e profundas com as sombras colossaes do mosteiro da Graça, do hospicio de Santo Antonio dos Capuchos e do hospital de Rilhafolles, e ao longe, como uma sombra quasi a desvanecer-se nos vapores humidos e alvacentos de que a sahida da lua innundára toda aquella parte da athmosphera, surgia o antigo convento da Senhora da Penha de França.

Depois estes aspectos variavam, tomando uma physionomia campesina. Os casaes e as quintas que se estendem desde a fazenda dos Senhores de Borba até Entre-Muros, formavam um immenso espaço opaco e caliginoso, apenas dividido á vista por alas de oliveiras que, no seio profundo da escuridão, e apenas tocados pelos reflexos frouxos do luar, semelhavam pelotões de negros fantasmas a galgarem pelo viso dos outeiros, ou precipitando-se no interior dos valles, agitados pelo leve impulso do vento, como fazendo tregeitos e negaças de significação mysteriosa.

D'entre um macisso de arvoredos que negreja mesmo na assomada da collina fronteira, alvejava o palacete do commerciante Klingelhofer. A sua architectura singella, a brancura das suas

paredes que alvejavam ao luar por cima da cinta de castanheiros que as cingem, a sua posição solitaria e elevada, tudo dá a lembrar uma d'essas poeticas capellinhas que o genio melancholico e contemplativo dos inglezes colloca no centro dos seus cemiterios.

Para a esquerda, no fim das encostas que fecham o horisonte por detraz do quartel de Valle-do-Pereiro, as cuplas brancas e elevadas dos torreões do palacio dos Guiões, parecem dois fantasmas enormes que avançassem pelas terras fronteiras, como se fossem alguns d'esses incommensuraveis abejões de que nos falam nas aldeias.

Com a apparenciã senhorial, ou quasi feudal d'este edificio, contrasta o aspecto humilde, pacifico, e solitario do convento de Sancta Joanna, que, no sitio mais retirado e sombrio da antiga Cova do Olival, mal ousava mostrar o remate do seu campanario e as ultimas janellas do dormitorio superior acima das arvores que lhe vestem os muros de sombras e tristeza, faz lembrar alguma d'essas velhas abbas da Escossia. que o espirito piedoso e o desejo de solidão edificavam no meio de bosques, denunciando-se apenas aos viajantes pela grimpa do campanario, perdido entre os ramos dos carvalhos. Aquella apparencia singella e melancholica, aquella tranquillidade serena e desprendida dos ruidos do mundo, de que se affasta, os ares de meditação que parecem envolver-lhe os muros, voando em impetos ardentes ás regiões de perfeição infinita, tudo isto como que inculca as convicções de fé pura e as esperanças ardentes e sinceras dos tranquillos habitantes d'aquelle logar solitario. Um sentimento vago da Divindade anima aquellas paredes, e as reveste dos encantos da contemplação. Até aquelle mesmo ligeiro véu de nebrina, que a hora adiantada da noite pousára sobre o mosteiro e sobre as arvores convisinhas, tornando-lhes indecisos e phantasticos os contornos, contribue para mais os envolver nas sombras do myrterio, mysterio tão grato ás almas refugiadas dos destinos incertos e tumultuosos do mundo, e votadas ao prazer secreto da meditação.

Não foi de certo o culto do animo piedoso sómente, mas as tribulações do coração afflicto, que se lembraram de edificar estes doces e tranquillos retiros, onde as tempestades do mundo não chegam. Quanto mais o nosso espirito se annuvia de angustias, mais a solidão e o silencio nos attrahem. Estes hospicios abertos aos desgraçados e aos fracos são de proposito situados no fundo dos vales como inculcando já o vago sentimento de infortunio que procura a esperança de um abrigo e o futuro de uma vida melhor. A cruz que se ergue no cimo da igreja, a cupla da torre que alveja aos reflexos tibios do luar por entre o verde-

negro dos arvoredos, são outras tantas imagens das orações que a alma religiosa ergue ao céu, no ardor da sua fé immensa. Cá fóra, a sociedade com todos os seus bulícios, com todas as suas luctas, com todas as suas ambições, com todas as suas chimeras. O fantasma do seculo, embellezado das suas seducções mais deslumbrantes, bate de certo algumas vezes áquellas portas que um voto perpetuo lhe cerrára como um muro de bronze; mas a voz da religião, com as preces que se elevam a Deus, com os sons do órgão que enchem os ares de suaves e mysticas harmonias, com os impulsos de uma fé viva, affasta para longe este Satanaz das tentações quotidianas.

É preciso ter sentido tumultuar no peito alguma d'estas horrosas tormentas que nos lançam os dias da juventude na voragem de um destino cruel, para experimentar toda a necessidade do lenitivo de paz, que só a solidão profunda e inquebrantável d'estes logares de contemplação, desengano e abnegação offerecem ás angustias sem esperança do homem. Será um erro social a instituição dos mosteiros, mas é uma necessidade, um balsamo moral. Debaixo d'aquellas abobadas parece que volteja o ar pacifico dos céos; as chagas da alma saram-se; as paixões emudecem; e as serenas e socegadas trevas do claustro, fechando-nos os olhos aos deslumbramentos das enganosas prespectivas do mundo, extinguem-nos os desejos de as gosar. Do meio d'aquella paz profunda, o que se passa cá fóra perde as suas illusões e apresenta-se com a desordem desenfreada, e por vezes pygmea das ruins intenções que as suscitam.

A historia que lhes vou contar é o resumo authentico de tudo isto; é o exemplo compendiado de todas as considerações que a vista dos muros do Convento de Sancta Joanna, observados n'estas horas tranquillias e melancholicas da noite, me fizeram lançar ahí o papel.

E aí de mim que foi n'aquelle mesmo triste e solitario mosteiro que fechou o ultimo capitulo d'esta lamentavel historia, historia de uma inclinação innocente, tão contrariada pelos acintes e tyrannias de um destino amargurado!

E não pensem que lhes vou escrever agora algumas novas aventuras de um René, de um Comminges, ou de um Abaylard, e apenas inspiradas pela leitura das desgraças de todos estes martyres do amor e da religião. Não o pensem; o triste episodio que vae ler-se parece-se com os transes afflictivos de todas estas tres victimas coroadas pela corôa de espinhos da desventura porque uma paixão, não impia, mas innocente, mas pura, ferverosa e delirante, uniu duas almas nos mesmos impetos, e na mesma

estreita e abrasada cadeia de sympathia; e mais ainda se assemelha porque foi tambem a religião que no abrigo da sua tranquillidade dulcificante, soube emprestar alguns momentos de consolação aos desabafos excruciantes de uma paixão, cujas chamas se extinguiram só completamente no silencio do sepulchro.

As almas compassivas que nos leiam e meditem, porque estas dôres, que talvez se pareçam com muitas outras que o ruido do mundo abafa, são todavia bem diversas pela fatal logica de infortunio que as ligou, que as reuniu, e que as tornou tão successivas e uniformes. N'este ponto é está historia singular. Se a religião e a philosophia nos deixassem crer na lei da fatalidade, nunca mais coherente, nunca mais indusctrivel demonstração se apresentaria do penar de duas almas, do que esta triste narrativa, em que o amor attraheu dois entes para os precipitar pelo despenhadeiro sem interrupção nem repouso das angustias humanas chamado desventura. Não sei se ha entes predestinados; a religião diz-nos que não; mas a analyse das angustias humanas chamado desventura. Não sei se ha entes predestinados: a religião diz-nos que não; mas a analyse das angustias do mundo diz-nos que sim. As poucas paginas que ahi vão seguir-se resumem uma d'estas tristes affirmativas.

II

O desconhecido do lago

J'errais sans cesse autour du monastère, bâti au bord de la mer. J'apercevais souvent à une petite fenêtre grillée qui donnait sur une plage déserte, une religieuse assise dans une attitude pensive; elle rêvait à l'aspect de l'océan où apparaissait quelque vaisseau, cinglant aux extrémités de la terre. Plusieurs fois, à la clarté de la lune, j'ai revu la même religieuse aux barreaux de la même fenêtre.

.....
RÉNÉ. — Chateaubriand.

Quem, nas tardes do verão de 1840, entrasse pela porta oriental do Passeio-Publico, e passasse junto ao lago, observaria de certo a insistencia com que um mancebo de apparencia grave e quasi gentil permanecia sentado, na parte do poente, n'um dos bancos circulares que ahi se veem debaixo das choradeiras. O seu rosto era pallido, e os olhos, allumiados de uma luz vivissima e rodeados de um circulo arroxado, mostravam que dentro lhe lavravam os ardores de uma febre desconhecida, ou que o excesso de vigalias, escaldando-lhe o cerebro, assim patenteavam os seus

estragos. Um bigode preto e denso, e os longos cabellos da mesma côr, que lhe caíam n'um desalinho elegante sobre a gola do fraque, completavam o aspecto triste e severo do semblante d'este homem que parecia não ter mais de vinte e cinco annos, apesar de todos os symptomas de uma acerba lucta interior, como uma nuvem de melancolia e desconforto, lhe annuviarem o parecer.

De tempos a tempos levantava-se, e uma agitação íntima o impellia, com passos phreneticos e accelerados, para o mais retirado do arvoredó. Passeava alguns minutos em direcção incerta, parecendo mais obedecer á anciedade de uma dôr comprimida que o obrigasse a andar sem tinõ nem vontade, como o homem que sente faltar-lhe o ar, e que se agita, por essa acção nervosa e anciada que nos obriga a movimentos desordenados quando nos opprime um ambiente que suffoca.

Depois parava; olháva para o lado do norte, fixava por momentos um objecto que parecia vêr ao longe, puxava por um lenço branco que passava pelo rosto para enxugar o suor ou fazer algum signal desconhecido, e assim permanecia algum tempo, ao que parecia, embevecido na contemplação d'esse objecto que só elle avistava; e depois, turvando-se-lhe a vista e levando a mão á cabeça com o gesto phrenetico do homem que aperta a fronte para affogar o combate de idéas dolorosas que o affligem e confundem, desaparecia por entre as arvores, sordindo de ahí a alguns instantes já mais tranquillo, e vindo assentar-se de novo no mesmo banco, na mesma posição, fitando o mesmo sitio, e chegando sempre o lenço ao rosto.

Esta scena repetia-se todas as tardes até ao cerrar da noite. Quando elle via que alguém o observava, erguia-se de repente, e internava-se pelos macissos dos arbustos e alegretes que circundam o lago: passeava em distancia, e depois voltava novamente a occupar o seu posto habitual.

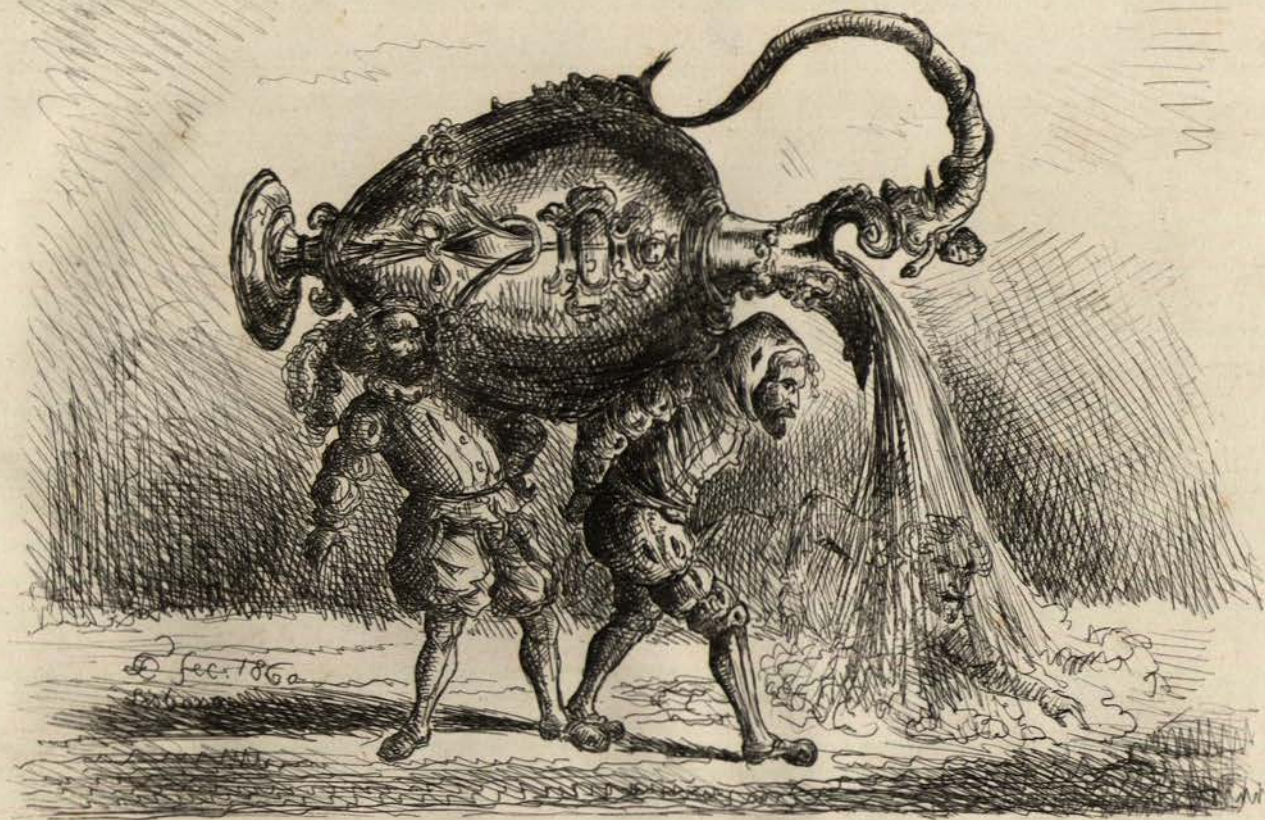
Seria este homem um alienado, a quem o desarranjo das faculdades mentaes compellisse ás singulares peripecias d'esta scena, faceis de explicar pelo tumulto de suas idéas?

Seria este homem algum d'estes entes devorados de melancolia, que, nas ancias de uma dôr occulta e mysteriosa, revelam o triste presagio de um suicidio proximo?

Ou seria simplesmente um maniaco, obrigado pelas illusões do seu cerebro enfermo a representar um papel ridiculo, papel de que a leviandade sem coração se ri, como se não fosse digna de lastima uma enfermidade que annula o homem sem de todo o anniquillar?!

Nada d'isto este homem era. Nem estava allienado, nem pen-





sava em suicidar-se, nem, com justiça, poderiam charmar-lhe maníaco, posto que o sentimento que o dominava o pudesse arremessar a quasquer d'estas grandes miserias da natureza humana.

Nem seria difficil até advinhar a causa da sua insistencia n'aquelle logar. Quem reparasse bem nos seus gestos e signaes, perceberia que elle entretinha um dialogo com alguém que de longe e em sitio desconhecido, escapava á vista dos estranhos; e quem não se contentasse com este simples exame, e lhe seguisse a direcção dos raios visuaes, perceberia que elles se dirigiam constantemente a uma das janellas do recolhimento das Commenda-deiras da Encarnação. E ahi, se o observador não temesse ser indiscreto, ou não fosse myope, avistaria tambem um lenço branco a alvejar por entre as vidraças mal abertas; e talvez, nas sombras já indecisas da tarde, ainda pudesse distinguir um vulto de mulher, que ora se retraía, ora se adiantava para a sacada. Um oculo completaria o resto do exame. Com este auxiliar descobriria uma noviça de poucos annos que, n'uma attitude meditativa, se encostava á grade da janella, olhando ao longe. A alvura do véo, que a aragem da tarde lhe ondulava em volta do rosto, como uma ligeira nuvem branca que lhe envolvesse a cabeça, dava um aspecto aerio a esta especie de visão de mulher. As horas corriam; a noite acompanhada das suas sombras descia sobre os muros do convento; e ao surgir da lua, quando os seus raios caíam sobre aquella janella, ainda ás vezes se distinguia o mesmo vulto branco encostado á grade, e o véo sempre agitado pelas brisas da noite, como que acenava a alguém n'um adeus de despedida.

Uma tarde (era um domingo) o mancebo do lago appareceu segundo o seu costume: olhou para o mosteiro, e não viu a janella aberta. Depois affastou-se; passeou a passos incertos e phreneticos, e tornou a apparecer e a olhar na direcção habitual. A janella continuava fechada. D'esta vez a angustia tingiu todas as feições do desconhecido. Ainda esperou um quarto de hora, sempre com os olhos presos nos muros do recolhimento. Mas a noite envolvia já em escuridão toda aquella parte da cidade, e a hora de sair do Passeio, soou.

O mancebo retirou-se.

Desde esse dia ninguem mais o viu n'aquelle local, nem a janella se abriu.

Agora a explicação d'este drama mysterioso, que não póde deixar de ter movido as sympathias das pessoas que leram já estas primeiras paginas.

(Continúa).

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

A LIGA DAS ALFANDEGAS PENINSULARES

III

Aux échanges l'homme s'exerce,
Mais l'impôt barre les chemins.
Passons; c'est nous qui du commerce
Tiendrons la balance en nos mains.

.....
Béranger, (les Contrebandiers.)

«O estado actual das nossas relações commerciaes com a Hespanha é insustentavel; porque estas são altamente prejudicadas pela existencia das alfandegas da fronteira.»

É esta a primeira theze sobre que pertendemos discorrer e da qual devemos deduzir, como consequencia necessaria, a conveniencia de contractar com a Hespanha uma liga de alfandegas.

A demonstração não é difficil. Para comprehender e aceitar toda a verdade d'aquella proposição, não se requer grande contenção de espirito, não é necessario encadear longos raciocinios, nem possuir vastos conhecimentos economicos; o simples bom senso, a intelligencia clara, e o animo despreoccupado, são os unicos auxiliares de que é necessario dispôr para seguir uma questão como esta, em que os factos são os mais poderosos argumentos, por isso que são patentes e irrecusaveis.

Á existencia das sociedades modernas é indispensavel o commercio, pois é só por via d'elle que os homens distribuem entre si os productos necessarios á satisfação das suas necessidades, pondo-os ao alcance d'aquelles que os devem consumir.

Quanto mais activas e livres de embaraços forem as relações commerciaes entre os homens ou entre os povos, tanto maior será o numero das necessidades satisfeitas e mais ampla a somma das commo-

didades adequeridas, crescendo na mesma proporção o seu bem estar e prosperidade.

A riqueza das nações cresce com a producção das couzas uteis; esta augmenta com o consumo, e este depende necessariamente da facilidade das relações commerciaes.

Verdades tão elementares ninguem hoje as contesta; mas, apesar de as reconhecerem, os homens, que dirigem as sociedades, nem sempre mostram grande sollicitude em destruir os obstaculos que se oppõe á sua realisação.

Estes obstaculos são de duas ordens; naturaes e artificiaes. Os primeiros nascem principalmente da falta de communicações aperfeiçoadas, que facilitem o tranzito e a conducção dos productos para os mercados, que os pedem, ou aonde elles poderiam achar facil e seguro consumo.

Os segundos dependem de erros de legislação, de medidas anti-economicas, e de prejuizos e praticas contrarias á naturêza das cousas.

Entre nós abundam os obstaculos naturaes e artificiaes, que se oppõe á facilidade das transacções commerciaes.

Em quanto aos primeiros, tem-se levado a indifferença pelo augmento do commercio interior a tal ponto, que nós aproxima do barbarismo, deixando as povoações do interior como tribus isoladas nos oasis de um dezerto, e se alguns exforços se tem patenteado n'estes ultimos tempos no sentido de facilitar as communicações internas, esses mesmos, pela sua incoherencia, vagar, e incerteza da execução, denotam pouca fé nos principios, e nenhuma energia de acção.

Não pareça extremamente exagerada esta censura, pois se compararmos o muito que se tem escrito, declamado, promettido, e legislado, desde a restauração do governo constitucional até hoje, sobre obras publicas, com o que se tem levado a effeito para facilitar as communicações interiores, ver-se-ha, com magoa, que a maior parte da nossa actividade official é absorvida pela rhetorica, que até invade o campo em que deveram só dominar o rigor e concisão das sciencias exactas.

Se as estradas, se os canaes e os caminhos de ferro se construissem com palavras e riquezas de estylo, nação alguma nos levaria a palma em vias de communicação. Este longo tributo pago á loquacidade, por tantos seculos sopeada, devia estar já satisfeito, e era necessario, até como medida hygienica, que se dêsse algum descanso aos pulmões, e mais exercicio aos braços.

Apesar dos excessos e desvarios da rhetorica, o progresso entre nós é incontestavel: a producção augmenta e melhora; a população cresce; a miseria diminue; o trabalho nobilita-se, e a riqueza publica começa a distribuir-se com mais egualdade. São os effeitos naturaes da liberdade da terra, decretada nos primeiros momentos da nossa regeneração po-

*

litica, são as consequencias inevitaveis do movimento progressivo do seculo que leva comsigo todos os povos, e que entre nós se tornam sensiveis quando comparamos o estado actual com aquelle em que nos deixou o regimen absoluto. Mas esta differença em favor do progresso seria bem mais consideravel, se n'este ultimo quarto de seculo, quasi perdido em futeis declamações, e em controversias estereis, quando não era empregado em luctas fratricidas, houvessemos, como a Belgica, e o Piemonte, utilizado o tempo, a força, e a actividade em abrir estradas, assentar carrís, desobstruir os rios e as barras, e em arborizar os montes as charneças e as dunas de areia que invadem as terras do litoral.

Do tempo que se perdeu só podemos hoje tirar excitamento para melhores esforços—os erros devem servir-nos de lição para o futuro.

Entre os obstaculos artificiaes, que se oppõe ao commercio, nenhum é tão damnoso como o que provém das restricções que interrompem a livre communicação entre os districtos que carecem de trocar reciprocamente os seus productos. Em o nosso antigo regimen economico, (se é que se lhe póde dar este nome,) não só é prohibida a exportação, para fóra do reino, do gado, carnes e outros viveres, mas até as camaras municipaes podem, no intender dos jurisconsultos d'esse tempo, prohibir a exportação de uns para outros concelhos no interior do reino, *ut conservetur libertas provinciae*¹ Era assim que se julgava assegurar ao povo a abundancia, soffocando o commercio interno.

Hoje felizmente não permite a lei que se levantem estes embaraços no interior das provincias; as mercadorias podem transitar livremente, se encontrarem caminhos por onde possam ser transportadas, e poucos são os artigos sobre cuja exportação peza direito prohibitivo. Entretanto o commercio tão natural, tão vantajoso e tão necessario entre as povoações limitrofes de Portugal e Hespanha, que na maior parte não se acham separadas senão por uma linha quasi ideal, está sujeito á rede importuna das alfandegas, que, se não oppõe um obstaculo physico bem poderoso, estabelecem uma barreira legal, cuja violação é um delito, e que, não sendo bastante forte para se fazer respeitar, parece haver sido unicamente creada para suscitar a transgreção da lei, e desmoralisar os povos.

Um cidadão portuguez, habitante da raia, póde hoje facilmente visitar qualquer das povoações da fronteira hespanhola, mas alli não póde comprar qualquer artigo necessario para seu uso e trazel-o para sua casa, porque lho veda o artigo 1.º das preliminares da nossa pauta, que determina que um grande numero de mercadorias, as mais im-

¹ *Pegas ad ord.* liv. 1.º tit. 66. § 28. cap. v.

portantes para o consumo geral, só possam ser despachadas nas alfandegas de Lisboa e Porto.

Não são unicamente os direitos da pauta, mais ou menos excessivos, os que estorvam todo o commercio entre as povoações limitrofes dos dois reinos; são os regulamentos, são as restricções especiaes e até muitas vezes a má vontade, a parcialidade, e a impericia de muitos dos empregados fiscaes.

As alfandegas são sempre um mal para o commercio; isto deriva da sua propria natureza; podem porém ser uteis e necessarias ao Estado como fontes de rendimento, quando o Estado não tem, ou não sabe descobrir outros meios de haver os recursos necessarios á satisfação dos encargos que sobre elle pesam. Tambem as podem considerar como proficuas e até indispensaveis aquelles que julgam que a producção nacional só pôde viver e prosperar ao abrigo da concorrencia da producção similhar estrangeira.

Assim considerada a questão, a existencia das alfandegas, apesar de ser um mal, justifica-se, aos olhos de todos pelas necessidades do fisco, e aos olhos de alguns pela conveniencia de proteger o trabalho ou a industria nacional.

As alfandegas têm funcionado em quasi todas as nações da Europa, simultaneamente como instrumentos fiscaes e como instrumentos protectores da industria. É comtudo estas duas funcções são diametralmente oppostas, porque o maximo rendimento requer o maior numero possivel de importações e a maxima protecção exige que de fóra nada entre para o paiz.

Pedem-se ás alfandegas dois effeitos contrarios: grande movimento para beneficio do thesouro, e muito pouco para as industrias protegidas. É difficil e até quasi impossivel regular estes effeitos contrarios de modo que satisfaçam equitativamente ás condicções de maximo rendimento e maxima protecção. Não ha forças humanas capazes de fazer com que a pratica de um máo principio produza bons resultados.

As imperfeições da natureza humana, erros e vicios já antigos na constituição das sociedades e por isso arreigados e difficeis de extirpar, podem forçar-nos a condescender algumas vezes com a pratica d'esses máos principios pela difficuldade de adoptar sem grande perturbação outros melhores e mais justos.

Não podemos portanto condemnar com inteira razão os governos, só pelo facto de manterem em rigor o regimen contradictorio das alfandegas, uma vez que ellas satisfaçam, sem grande vexame dos contribuintes, ás imperiosas necessidades do Estado: mas n'esse caso o que aos governos cumpre, é organisal-as e regel-as de modo que o beneficio que d'ellas se aufere, seja sempre muito e muito superior á opressão e vexames que produzem e aos males que geram, contrariando o

desenvolvimento da riqueza publica, o bem estar e as commodidades dos povos.

Não entraremos no exame d'esta questão applicada ao systema completo das alfandegas do nosso paiz; mas, para seguir o nosso proposito, consideral-a-hemos unicamente limitada ás nossa relações commerciaes com a Hespanha, nossa visinha e irmã.

As condicções naturaes da producção são quasi identicas em Portugal e Hespanha. Os mesmos climas, os mesmos solos, as mesmas raças de homens e de animaes, os mesmos habitos e propensões, o mesmo estado de adiantamento nas sciencias e na industria, dão ás producções, principalmente ás da terra, grande analogia em ambos os paizes, e vê-se isto claramente comparando os productos que de ambos os reinos se exportam para os mercados estrangeiros.

Os documentos officiaes hespanhoes mostram-nos que a sua principal exportação se compõe, em quanto aos productos agricolas e pela ordem de importancia, dos seguintes: vinho, trigo e farinha, azeite de oliveira, fructos seccos, lã, agua-ardente, reglisia, cortiça, arroz, ave-lãs, cevada, feijões, milho e amendoas.

Seguem-se quasi na mesma ordem de importancia as nossas exportações: vinhos; cereaes e batatas; fructos, comprehendendo os seccos e de conserva e as amendoas; azeite e gorduras; cortiça e madeira; despojos de animaes comprehendendo a cera; animaes vivos, principalmente os bois; e finalmente as lãs.

O chumbo e o mercurio constituem a principal exportação mineral da Hespanha.

Nós exportamos o sal em grande escala, e principiamos a exportar os minerios de cobre para Inglaterra.

Os hespanhoes exportam algum sabão, e n'este ramo, que entre nós era até ha pouco tempo monopolio do governo, viremos tambem a ser exportadores, quando esta industria haja chegado ao ponto de robustez para o qual caminha.

Os generos e manufacturas importados dos paizes extra-peninsulares para a Hespanha são quasi identicos aos que Portugal recebe tambem do commercio estrangeiro.

Consideradas no seu todo as producções são as mesmas em ambos os paizes; mas, consideradas em relação aos diversos districtos e provincias de ambos os reinos, variam ellas consideravelmente, e, como em toda a parte, é d'esta circumstancia que resulta a necessidade do commercio interno, ou das trocas entre os diversos pontos do territorio dos mesmos paizes; e note-se que é sempre o commercio interno que representa a maior somma de capital circulante, ainda mesmo nos paizes em que a exportação é a mais consideravel. Em Inglaterra, se a memoria nos não falha, mostram documentos, que n'este momento

não temos presentes, que os valores postos em movimento pelo commercio interno do reino unido são oito vezes maiores do que aquelles que o seu commercio externo põe em acção.

Tocando-se os variados districtos de Hespanha e Portugal por uma linha de 163 legoas, devem necessariamente os povos que os habitam ter frequente necessidade de trocar os seus productos. Aqui é a Hespanha que deseja trocar o seu trigo pelo nosso azeite; alli pede-nos o nosso gado suino e offerece-nos os seus cavallos ou muares e a lã dos seus rebanhos; acolá convinha-lhe comprar o nosso sal, o nosso vinho e as nossas amendoas, e n'outra parte manda-nos a sua aguardente, ainda que as leis fiscaes se opponham.

São as mesmas necessidades de relações e mutuas trocas que se dão entre as diversas provincias e districtos de Portugal. Eventualidades meteorologicas imprevistas e ainda outras fazem com que muitas vezes escaceie n'um lugar a producção que nas circumstancias ordinarias é sufficiente para o consumo dos seus habitantes; é então que os visinhos, que foram mais felizes nas suas colheitas, os podem socorrer com o sobreceleste da sua producção. Não pôde haver razão politica nem conveniencia publica que se opponha com justiça á satisfação d'estas continuas necessidades do pequeno commercio entre os districtos visinhos que mais facilmente se podem relacionar uns com os outros, estendendo-se depois a cadeia não interrompida das relações de districto a districto até que os obstaculos naturaes, os mares e as grandes e inacessiveis montanhas estabeleçam a forçada solução de continuidade. Porque razão a provincia de Traz-os-Montes, que se acha cercada pelas provincias do Minho, Beira, Salamanca, Zamora e Orense, não hade poder livremente commerciar senão com as duas primeiras, que são portuguezas, e que são exactamente aquellas de que a natureza as separou por serras alcantiladas, e pela torrente e ribas escarpadas do Douro? Porque motivo contrariaria a lei estas relações tão naturaes, tão justas e sanctas que são todas de amisade, de paz e reciproco auxilio? É porque o Estado, dizem uns, carece de recursos, e um dos meios mais faceis de os haver consiste em taxar os productos do trabalho estranho, que vem a ser consumidos no nosso territorio. É, dizem outros, porque os nossos productores não podem concorrer com os estranhos, e a industria e a agricultura nacionaes pereceriam, se n'um mercado, já por si restricto, a abundancia dos productos viesse reduzir o seu preço.

Admittindo mesmo, por hypothese, a justiça d'estes motivos em theoria, a analyse mostra que são falsos na applicação.

As restricções commerciaes na fronteira nem augmentam a renda do Erario, nem protegem a industria nacional: pelo contrario são prejudiciaes debaixo de um e de outro ponto de vista.

A lei, que se não pôde executar, é por isso mesmo absurda, e o unico effeito que pôde produzir, é o de aggravar os males que o legislador pertende com ella remediar.

Que meios tem o Estado para tornar effectiva a cobrança das taxas ou direitos impostos sobre as mercadorias que podem ser importadas pela raia? A linha das alfandegas terrestres.

É necessario ser bem simples, ou dotado de insigne boa fé, para acreditar que a nossa linha de alfandegas na raia offerece um obstaculo serio ao commercio dos povos limitrofes. A unica cousa que ella pôde fazer é converter o commercio em contrabando.

Á medida que a população cresce, e que a civilização augmenta, impellida pela força mysteriosa do progresso, cujos effeitos podem ser retardados, mas não destruidos, augmentam na mesma proporção as necessidades do consumo, que se hão de a todo o custo satisfazer; os alimentos, os vestidos, as bebidas fermentadas, os generos coloniaes, o chocolate, o tabaco, o sabão, as louças, os vidros, as ferramentas e muitos outros objectos indispensaveis vão naturalmente procurar-se aonde se podem haver melhores e mais baratos, quer seja de um quer seja do outro lado da fronteira. Se a falta de boas estradas não permite ao commercio legal abastecer os pequenos mas numerosos mercados das terras arraianas, não será uma atroz barbaridade obrigar os habitantes d'essas terras, a viver privados dos generos e productos que desejam? E seguramente. Mas, se o commercio licito os não pôde socorrer com vantagem pela difficuldade que lhe oppõe os obstaculos naturaes, o cõtrabando, que despreza os obstaculos artificiaes da lei, declarando-se em permanente revolta contra o direito escripto, encarregá-se de satisfazer as necessidades do consumo, não só as mais urgentes mas até as de pura phantasia.

«O contrabando «diz M. Blanqui» é o correctivo mais efficaz das «más leis de alfandega que embargam ainda o commercio do mundo.»

É este, na realidade, um correctivo efficaz e poderoso, talvez até providencial, mas nem por isso deixa de ser flagrante violação das leis estabelecidas, e a primeira condição da existencia das sociedades é o respeito á lei, ainda quando esta seja injusta. As más leis corrigem-se legalmente; mas não se rasgam no meio da revolta.

O primeiro dever do governo é fazer respeitar e executar as leis; mas quando uma lei não merece respeito porque é injusta, nem se pôde fazer executar porque a resistencia á execução é invencivel ou superior á acção do governo, deve este fazel-a revogar legalmente.

A execução da lei das alfandegas, sempre difficil e incompleta em toda a parte, é impossivel na fronteira que nos separa da Hespanha. Esta linha sinuosa e quasi imaginaria a que chamamos raia, estendendo-se pelo interior das terras desde a foz do Minho até á foz do

Guadiana n'uma extensão de quasi 840 kilometros, seguindo poucas vezes o curso dos rios, ou a direcção das montanhas, mas cortando quasi sempre estes naturaes obstuculos, não offerece a menor facilidade ao estabelecimento de uma fiscalisação regular, economica e efficaz.

Se a fiscalisação da alfandega municipal de Lisboa, defendida pelo muro e estrada de circumvalação em uma linha, cuja extensão não excede pelo lado da terra a 8 kilometros, com tão poderosos recursos e debaixo da acção immediata do govèrno, é incompleta e não póde evitar que na cidade se introduza, e por fraude, avultada quantidade de generos, como poderá ser efficaz a fiscalisação da raia tão extensa e quasi desguarnecida? Comparemos os meios de fiscalisação da alfandega municipal de Lisboa com os das alfadegas da fronteira para ter uma idéia aproximada do valor e importancia d'estas ultimas.

A area da alfandega municipal de Lisboa é llimitada de uma parte pelo Tejo e da outra pelo muro e estrada de circumvalação. O pessoal consagrado á fiscalisação sóbe a 330 empregados dos quaes 184 são puramente guardas, e podem ser reforçados em caso de necessidade, e a todo o momento, pela força da guarnição da cidade, estando por conseguinte ao abrigo de qualquer violencia da parte dos contraventores. A despeza que faz com esta fiscalisação sobe a 48:724\$200 rs., e apesar d'esta quantia, que parece avultada, os guardas apenas teem um vencimento diario de 215 rs. como remuneração de um serviço, que requer constante vigilancia e muita força de character para resistir ás continuas tentações de suborno a que estão expostos.

A fiscalisação da raia conta 30 alfandegas e 38 postos fiscaes, mas os empregados d'estas alfandegas e postos fiscaes não excedem a 380 na sua totalidade, comprehendendo os directores, subdirectores, chefes de guardas e simples guardas, aos quaes incumbe a defeza fiscal de toda a linha, cuja extensão já dissémos ser de 840 kilometros. Corresponderia um homem a cada 2 kilometros, se todos fossem guardas, mas como os que fazem este serviço, incluindo os proprios chefes, não excedem a 200, segue-se que cada homem tem obrigação de velar, dia e noite, constante e simultaneamente, sobre mais de 4 hilometros.

Será necessario aduzir mais alguma prova para demonstrar a todas as luzes a impossibilidade de oppor com tão insignificantes meios, um obstaculo serio, ao contrabando?

A importancia dos direitos que ainda se cobram nas alfandegas da raia raras vezes excede a 24 contos de réis; a despeza que se faz com o corpo fiscal das mesmas alfandegas excede a 31 contos de réis, e com tudo isto o pessoal é pessimamente retribuido, não chegando a maior parte dos guardas a ter mais do que 140 rs. diarios.

A differença de 7 contos de réis entre a despeza e a receita, não é só um prejuizo claro para o estado, que se poderia até julgar despeza

productiva, se a fiscalização fosse efficaz, mas pôde considerar-se como um premio pago para alimentar e fomentar o contrabando.

Se os contrabandistas quizessem, a receita nas alfandegas da raia seria nula; mas n'esse caso poderia o governo ser mais promptamente levado a attender a este deploravel estado de coisas, e, reconhecendo a impossibilidade de ter uma fiscalização rigorosa, suprimiria as alfandegas, o que equivaleria a arruinar completamente o trafico illicito, que sem ellas não teria razão de ser.

A questão é muito simples. As tendencias naturaes para o commercio entre os povos das fronteiras são ou não contrariadas pelas restricções que lhe impõe a lei das alfandegas, prohibindo que certas mercadorias não possam ser admittidas senão pelas casas fiscaes de Lisboa e Porto, e taxando outras com direitos exorbitantes?

Ninguem dirá que o commercio accenta de bom grado estas restricções e paga com prazer as taxas da pauta. Pôde o governo fazer executar pontualmente a lei e evitar que a maior parte das mercadorias sejam introduzidas subrepticamente com a unica força de que dispõe para o serviço fiscal da raia? Não, mil vezes não, e imbecil é todo aquelle que, recusando-se á evidencia dos factos, quizer sustentar o contrario.

Bem poderosos eram os meios de que dispunha a Inglaterra, cercada de mares e guarnecida por uma força respeitavel, bem paga e por isso menos accessivel á corrupção, e destinada só á repressão do contrabando, quando as suas pautas eram quasi prohibitivas, e assim mesmo o trafico illicito se fazia quasi desassombradamente mediante um premio que não excedia geralmente a 12 por 100 do valor da mercadoria, quando ella não fosse extremamente pesada e difficil de occultar.

Em França, apesar da sua forte e rigorosa administração fiscal, apesar do zello, coragem e probidade dos seus empregados, o contrabando faz-se ainda hoje n'uma escala assustadora, protegido como é, alli e em toda a parte, pela sympathia dos consumidores.

Quando o poeta mais popular da França, o illustre Béranger, punha na bocca dos contrabandistas da sua canção os seguintes versos:

Château, maison, cabane,
Nous sont ouvert partout.
Si la loi nous condamne
Le peuple nous absout.

dizia a pura verdade, e nós não queremos acrescentar a este conceito uma tremenda sentença, que é já bem antiga, a respeito do juizo do povo.

Quem ha ahí que não tenha ouvido fallar nas engenhosas combinações dos contrabandistas das fronteiras do lado da Belgica da Alemanha e da Suissa? Quem ha que ignore a existencia das matilhas de cães contrabandistas, que em numero superior a 50:000 fazem a importação clandestina de innumeraveis valores? De balde oppoz a alfandega franceza outras matilhas de mastins fiscaes para perseguir os primeiros; debalde premeia com 20 francos a morte ou captura de cada um d'aquelles dextros animaes; calcula-se que apenas conseguem os guardas matar ou apprehender um por cada 75 dos que andam em exercicio.

Muito sabida é tambem a historia de M. de Saint-Cireq, que querendo experimentar até que ponto chegava a atilada vigilancia dos guardas das alfandegas da fronteira suissa, que são reputados os mais dextros e sabedores das finuras e artificios dos contrabandistas, conseguiu receber em sua casa, e pela sua propria carroagem, os relgios que havia expressamente comprado em Genebra para este exame.

Em 1845 tivemos nós mesmo uma prova da facilidade com que se faz o contrabando na fronteira mais bem guardada da França. Queriamos comprar em Genebra um relgio, mas hesitavamos fazel-o com receio das importunidades da alfandega de Belgrade; então o fabricante a quem communicámos este receio, offereceu-nos fazer a entrega do relgio em qualquer parte da França que quizessemos, pagando-o só no acto da entrega com um premio de 5 por 100 do seu valor.

Ora tudo isto se passa em França e Inglaterra cujas forças destinadas exclusivamente á repressão do contrabando sobem em ambos os paizes a 35:000 homens de infantaria e cavallaria e a 250 navios de guerra.

Não é mais feliz o governo hespanhol com os seus innumeraveis carabineiros e com as suas ameaças furibundas contra os contrabandistas.

S. M. C. ordenava, ainda no Decreto de 29 de Dezembro de 1856, que os réos de contrabando fossem considerados, não só como defraudadores da fazenda, mas tambem como perturbadores da ordem publica, e como taes deviam ser entregues ás commissões militares, o que equivalia a ordenar que fossem fuzilados.

Diz-se n'este notavel decreto: «que o contrabando não só diminue a receita do thesouro, mas até estende os seus perniciosos effeitos a todos os ramos de administração, pervertendo os costumes, servindo de escola de malfeitos e compromettendo frêquentes vezes a tranquillidade publica.»

A provincia de Huesca e a parte da de Seragoça ao norte do Ebro, declaradas em estado de sitio por aquelle tempo e por causa do contrabando, a Catalunha sujeita ao mesmo regimen; a lei marcial de 1821 applicada, não só aos réos d'aquelle delicto, mas ainda a todas

as pessoas que, [directa ou indirectamente, favorecessem a entrada e circulação dos] generos e mercadorias estrangeiras, todos estes rigores, todo este furioso apparatus, mostram bem claramente a extensão do mal e a impotencia das forças repressivas.

São alli baldadas as iras do governo, é perdida toda a galhardia e arrogancia dos carabineiros, porque o povo não se pôde convencer de que seja um crime ou uma acção condemnavel, a que tem por fim proporcionar-lhe a aquisição, por um modico preço, dos generos de que carece.

Assim o contrabandista representa na Peninsula um typo eminentemente popular, poetico e até infelizmente sympatico para muitas das povoações de ambos os reinos. Muitas d'estas povoações de um e de outro lado da raia se entregam a esta lucrativa industria desassombadamente, e parece até com a melhor boa fé, porque respondem com toda a integridade pelos valores que lhe são confiados sem mais garantia do que a da sua palavra, e em tudo o mais passam alguns até entre os seus concidadãos por pessoas bem morigeradas e tementes de Deus. Um espirituoso contrabandista hespanhol, fazendo a um amigo nosso a apologia da sua aventureosa carreira, dizia com emphase — *el hombre es por su naturaleza contrabandista* — tal era o convencimento da justiça da sua causa. Todos acolhem o contrabandista, todos o agasalham, todos o festejam, e os generos que elle vende são reputados sempre os melhores, e preferidos aos que offerece o escasso commercio de boa fé, que ainda tenta resistir a esta perigosa concorrência. E que ha de fazer o povo, vendo de um lado a repressão fiscal coarctando-lhe a satisfação das suas imperiosas necessidades e da outra o contrabandista, alegre e desembaraçado como quem traz o animo satisfeito, pondo-lhe á porta de casa os generos de que carece ou deseja? Perdeis o vosso tempo em dizer-lhe que as leis do reino prohibem e punem severamente o contrabando, porque elle não intende nem se convence da razão das vossas leis, e é por isso que as considera oppressivas e não se escandalisa de as vêr contrariadas. Tudo isto concorre para a perversão dos costumes, tudo isto diminue o prestigio da auctoridade publica, e faz com que se desacatem as leis, e se desmoralise o povo.

Quem não tem visto a grande facilidade com que entre nós se faz o contrabando na raia de Hespanha? Só quem não tem visitado as terras visinhas da fronteira. Não são os objectos de pouco volume e de muito valor, como as rendas de França, e a orivesaria da Suissa que alli fazem o objecto principal do contrabando. É tudo quanto se quizer, sem attenção a volume, peso, ou valor; são os carros de trigo, puchados lentamente pelos pacificos bois, são as manadas de cavallo e muares, é o assucar de Havana, a agua-ardente de Zamora, o taba-

co, as peças de lã e de seda, é tudo quanto se deseja, com tanto que na Hespanha exista.

A introdução de cada artigo tem já taxado o premio que deve pagar aos vigilantes pelo somno que elles devem dormir, ou pela distração com que se devem affastar do logar da introdução. Tudo se acha perfeitamente regulado, e ensaiadas até as farças das tomadias extrategicas, que já não enganam senão os imbecis.

Em 1856 viamos nós passar diariamente pelo meio da Villa de Moncorvo grande numero de cargas de agua-ardente, cuja somma annual devia representar uma tão avultada colheita de vinho que fôra impossivel attribuil-a ao districto de onde vinha auctorisada como produção portugueza. Todos sabiam que esta agua-ardente era da provincia de Zamora. A sua intradução tinha sido um delicto, mas este delicto era uma providencia para o Douro, que carecia de agua-ardente para beneficiar os seus vinhos.

O recente decreto que manda admittir na alfandega da Barca d'Alva a agua-ardente hespanhola só para transitio pelo Douro, com quanto seja medida acertada, não evita completamente o contrabando d'aquelle genero por dois motivos: 1.º porque o direito é ainda elevado, e a taxa do contrabando é-lhe muito inferior; 2.º porque, continuando a escassez das colheitas do vinho, e sendo necessaria a agua-ardente no districto vinhateiro, é mais facil e mais barato recebel-a ali por contrabando, do que despachal-a legalmente no Porto e fazel-a subir novamente o Douro. No entretanto devemos confessar que a permissão decretada é já um progresso.

A consideravel diminuição que tem soffrido a importação legal do assucar, como ha pouco mostrou o Sr. Gomes de Castro na camara dos Srs. Deputados, é uma prova irrecusavel do espantoso contrabando que n'este artigo se faz em todo o norte de Portugal, tanto mais que, apar da escassa e quasi nulla importação licita, o consumo d'este genero colonial augmenta consideravelmente pelo notavel desenvolvimento de riqueza que se nota em todos os districtos d'além do Douro.

Não fallaremos do contrabando que de Portugal se faz para Hespanha: os nossos vizinhos teem já sobre elle dito bastante e até verdades amargas. Que os contrabandistas queiram lucrar com o commercio illicito não admira, porque, para o fazer, sacrificam o descanso, a honra, a fazenda e até a vida; porém que haja alguém que julgue que é licito e decoroso a um estado que se respeita...? Suspendamos aqui a phrase que rompia indignada. Não haverá ninguem de boa fé que queira sustentar que um governo póde com justiça e equidade punir aquelles que defraudam a fazenda publica pela introdução clandestina de mercadorias que não pagaram os direitos nas suas alfandegas, quando por outro lado acceita o lucro que nos seus cofres deixam os produc-

tos estrangeiros que elle sabe vão entrar por contrabando n'um paiz visinho e amigo.

As fazendas de algodão que de Portugal passam á Hespanha, e o assucar, que de Hespanha entra em Portugal, estão no mesmo caso.

Esta malfadada invenção das alfandegas, que prova bem quanto ainda as nações estão atrasadas em materia de imposto, tem barulhado por tal modo as idéas e os principios, que é difficil de extremar o que é justo do que o não é, mas que pretende passar por tal.

Temos* já dito bastante, e ainda poderíamos ir mais longe na demonstração a que nos compromettemos, porque os factos e os argumentos em nosso favor são inexgotaveis; mas a superabundancia das provas é inutil para corroborar a verdade de uma proposição que é quasi evidente.

A inutilidade da linha das nossas alfandegas da raia, como meio e instrumento de fiscalisação é patente e irrecusavel; a sua inconveniencia como meio economico é clara a todas as luzes.

Se a fiscalisação não é possivel, as restricções impostas ao commercio pela lei, não podem produzir senão o contrabando, a violação da lei, o descredito da auctoridade publica, o pretexto para oppressões improductivas e vexames injustos, a corrupção dos empregados, as resistencias illegaes, as violencias criminosas, a desmoralisação dos povos e o atrazo da civilisação.

Nenhuma receita para o Estado, antes prejuizo certo e incalculavel; nenhuma protecção para a industria e para a agricultura, e pelo contrario limitação forçada do campo de consumo; nenhuma segurança para o commercio honesto e legal, e em seu logar a desastrosa concorrência do commercio illicito; isto é a contradicção completa do espirito e da letra da lei, e a negação de todos os principios da sciencia economica.

E que devemos concluir de tudo isto? A necessidade urgente da reforma, ou pela simples suppressão das alfandegas da raia, libertando pela nossa parte o commercio com a Hespanha, ou contractando com aquelle reino uma liga ou associação de alfandega que torne uniforme em ambos os paizes o regimen commercial. É d'este ponto que nos devemos occupar no proximo artigo.

J. PIMENTEL.

AMOSTRA DE UMA TRADUCÇÃO
DA
ARTE DE AMAR, DE OVIDIO,

VERSO A VERSO

PELO

Sr. Antonio Feliciano de Castilho.

Principio do Canto I.

Se inda alguém n'este povo a arte de amar ignora,
leia-me; os versos meus o farão mestre agora.
Com arte, á vela e remo, um lenho é voador,
é-o com arte um coche; arte governe a amor.
Vive na voz da fama o auriga Automedonte;
vive Thiphis mareando a nau do Hemoneo monte;
Venus de amor á escola impoz-me professor;
Thiphis e Automedonte eu serei pois d'amor.

Sei que usa resistir-me, é fero, e tem vaidade;
mas para se educar vem inda em boa idade;
na infancia Achilles mesmo é docil a Chiron;
na cithara se instrue, se abranda ao meigo som;
o futuro terror de socios e inimigos,
de um misero ancião tremia ante os castigos;
mão que havia prostrar hum dia o fero Heitor,
estendia-se aberta á voz de um preceptor.
Còmo a Achilles Chiron, Ovidio a Amor insina;
um e outro é sévo infante; ambos tem mãe divina.
Que importa?: é bravo o toiro, e cangam-lhe a cerviz;
nobre o cavallo, e morde os freios seus servis;
Amor, vais ser domado; Amor, vais ser sujeito;
socode o facho em vão, settas me aponta ao peito;
quantas feridas mais, e quanto mais ardor,
mais terei que vingar-me, e que punir-te, Amor.

Longe ficções: de Phebo alto favor não tenho;
vozes de aves do ceo não me hão soprado ingenho;
como o pastor poeta, essas visões louças
não tive em campo Ascreu das virgens nove irmãs;
experimentei, e insino; exponho o certo; ouvi-me.

Sorri á minha impreza, ó mãe d'Amor sublime!

Barras té meos pés, tenues fitas, sois vós
insignias do pudor; longe! fugi de nós!
Canto o prazer sem risco e furtos concedidos;
não profano o rigor dos matronaes ouvidos.

Vem, recruta do Amor; aprende em que logar
escolherás sem custo objecto a que adorar;
depois, te insinarei como vencel-a possas;
por fim, como alongar essas delicias vossas;
eis meu campo; eis o circo, o circo festival
onde arrojo á balisa o coche triunfal.

És livre? erras á toa? escolhe a afortunada,
a que possas dizer: és tu, quem só me agrada.
Não creias que do céo te baixe tal mulher;
sobre a terra a procura; encontra-as quem as quer.

Quem tem de montear, sabe onde armar aos cervos;
sabe onde tem covil os javalis protervos;
sabe o passarinho onde os seus viscos pôr;
Sabe, onde abunda o peixe, o anzol do pescador.
Assim tu, para achar a tua entre as mais bellas,
os sitios vais saber que mais abundam 'nellas.

Não tens que soltar panno em desmedido mar;
por longes regiões não te é mister errar.
Perseu da fusca Ethiopia á Andromeda conduza;
Teucro Páris que rapte a linda grega illuza;
tanta Andromeda e Helena a tua Roma tem,
que um mundo de belleza os muros seus contem.
Os cachos em Methymna, em Gargara as espigas,
menos frequentes são que em Roma as raparigas;
estrellas, aves, peixe, em ceos, em bosque, em mar,
são menos. Mãe de Roma, em Roma é teu brilhar.

¿Folgas co'a prima idade, annos e dons crescentes?
que abundancia infantil! que turba de innocentes!

¿Preferes a botão flor guapa e juvenil?
Hade desatinar-te a escolha em tantas mil.

¿Outoniças emfim? ¿com pratica? ¿bem destras?
Crê-me: é inda maior o exercito das mestras.

Na quadra em que o Leão reluz no ardor febeu,
girar. Co'a sombra atraí portico de Pompeu,
portico de Marcella, o de marmoreo brilho,
onde a mãe cumulou seus dons aos dons do filho,
o de Livia, da autora esplendido brazão,
que de antigos paineis se orna com profusão;
e ess'outro, onde o feroz Dánao, de espada nua,
suas filhas cincoenta ergue á facção mais crua.

Vai onde Venus chora o morto Adonis seu;
corre ao setimo dia ás festas do judeu.
Da isiaca novilha entra ao linoso templo;
essa ás amantes prega, e prega com o exemplo.

Té o Foro a Amor convem (quem preveria tall);
muita e muita paixão nasceu n'um tribunal.
Lá junto do marmoreo alcaçar de Ciprina,
onde repuxa de Appio a linfa cristalina,
lá, quanta e quanta vez! causidico orador,
livrando os pobres reos, não se livrou do Amor!
Estanca-se-lhe a prosa; a argucia fez-lhe pausa;
turba-o materia nova; introu em propria causa;
Venus do templo seu desatinada ri:
o patrono é cliente; implora, mas por si.

Sim, mas prefere a tudo os theatros, se queres
vêr o que é multidão das mais gentis mulheres,
tens por onde escolher: d'amar, ou de zombar;
de tocar, e esquecer; ou ver, e conservar.

Quaes em longo carreiro as próvidas formigas
vão, vem, levam seus grãos, se ajudam nas fadigas;
quaes 'num prado florente inchame zumbidor
á procura do mel voa de flor em flor;
tal aos theatros corre o triunfante sexo.
Na escolha, quando as vejo, eu mesmo estou perplexo.
Vem curiosas de ver; mas de que as vejam, mais.
Lá te aguardam, pudor, o escolho e os temporaes.

De longe o p'rigo vem: c'o raptó das sabinas
abriu Romulo o exemplo ás theatraes rapinas.

Com véo marmorea scena éra ignota inda então;
não escorria o palco em rubido assafrão.
De Palatino inculto o bosque inleado e atro
materia deu co'a rama ao rustico theatro.

Hirsutos, qualquer herva a cr'oal-os, sem graus,
 senta-se mixto o povo em leivas por degrãos.
 Cada qual já co'a vista ancioso está notando
 a que mais o seduz d'entre o femineo bando.
 Da tusca frauta rude aos sibilos pelo ar.
 co'as sapateadas tres vê-se o histrião dançar.
 Entre o applauso (inda então o applauso era sem arte)
 o sinal de investir da mão d'El-Rei lá parte;
 saltam, voam, que estrondo! adeus, resguardos vão!
 bradam amor, lançando ás virgens igneas mãos!
 Qual se atterra um pombal quando aguia se avisinha,
 qual foge ao sentir lobo a tenra cordeirinha,
 tremem vendo essa plebe, infrenne, sem pudor,
 a tanto abalançar-se; a todas foge a côr;
 em todas reina o medo, em mostras variado:
 esta, absorta, não se ergue; outra, arranca o toucado;
 qual, pranteia em silencio; á mãe qual brada em vão;
 queixa-se uma; outra, calla; uma, foge; outra, não.
 O delirante saque abrange a todas ellas.
 A muitas, o temor inda as tornou mais bellas.

Se, mais isenta, alguma oppor-se á força quiz,
 o seu romano, erguendo-a em braços varonis:
 — «Que choras tu? —» lhe disse — «Oh! poupa olhos tão bellos;
 «qual tua mãe a teu pai, vem-me inspirar desvelos.

Romulo é que tratava os seus soldados bem;
 tratasse-me elle assim, soldado era eu tambem.
 Desde então, e inda agora, os theatros (bem vedes)
 São para a formosura insidiosas redes.

.....

NUNCA MAIS.



Nunca mais áquellas horas
Em que eu ver-te costumava,
Quando já para o occidente
A luz do sol caminhava,

Nunca mais, ó minha bella,
Entre os vivos te hei de ver,
Que do teu leito de pedra
Já te não podes erguer!

Aquelle amor que me déste,
Que hoje ainda me alumia,
Que findára tão depressa,
Ai de nós! quem o diria?

Como a tua fronte calma,
E gentil se levantava,
Como das rosas da vida
Alegre se coroava!

E pelos goivos da campa
A morte as rosas trocou,
E as rosas das tuas faces
Tambem, cruel, as murchou!

Afoute no mundo entravas
Toda fagueira e risonha,
Como quem n'elle innocente
Ainda c'os anjos sonha.

Mas logo aos primeiros passos
Que na existencia fizeste
Encontraste a sepultura,
E para o mundo morreste!

Perdi-te, perdi minha alma,
E a luz minha não te vendo,
E, do que fui como sombra,
Entre os homens vou soffrendo.

E nunca mais, ó querida,
Eu te hei de ver? Nunca mais
Hei de gosar teus sorrisos,
Tuas graças divinaes?

Tudo morreu, foi contigo,
Tudo acabou, e eu fiquei!
Ah! porque tambem a vida
N'esse instante não deixei?

Não o quiz o meu destino,
Por que toda houvesse a dor,
Por me deixar a saudade
Do nosso tão casto amor.

Para que eu compare os tempos
Da ventura e da desgraça,
E veja que uma foi breve,
Mas que a outra nunca passa.

Já não goso dos teus olhos
A luz que me fascinava,
Já tua voz não escuto
Que do empyreo me fallava!

Já não sorriem teus labios,
Já não te vejo mover,
Já do que é teu nada tenho!
Que faço pois em viver?

Como o tronco despojado
De folhas, meio caído
No declive da montanha,
Sobre o abysmo suspendido,

Que sente a grossa torrente
Pelas raizes passar,
Com que ainda se alimenta,
Mas que a morte lhe ha de dar,

Assim vivo eu n'este mundo
Por meu pranto sustentado,
Até que por elle á campa
Seja tambem arrastado.

Assim vivo, ó alma pura,
Desde aquelle triste dia,
Em que o teu corpo formoso
Me encobrio a terra fria.

E nunca mais os teus olhos
Meus olhos encontrarão!
Nunca mais! rouba-m'a a terra,
E os anjos m'a roubarão!

Que me resta pois? a magoa,
E do que foi a saudade,
O porvir sem esperanza,
E da dor a eternidade.

JOSÉ RAMOS COELHO.

TRES SEMANAS EM BELLAS

Contra uma bronchitte rebelde, que me tortura ha sete para oito mezes, complicada com uma desafinação de nervos, e um fastio levado ao ultimo ponto, decretou a medicina a peremptoria mudança de ares, as torturas de um vesicatorio, o uso de leite e musgo, e passeios moderados em fresca campina: o paciente era eu; obedeci aos preceitos da sciencia, e eis-me a caminho de Bellas.

Ora, devo explicar ao leitor que, não escrevi as precedentes linhas para lhe dar parte de que estive ou estou doente, pois tenho toda a certeza de que nada lhe interessa o bom ou máu estado da minha saude, tanto assim que nem lhe digo se aproveitei ou não com a mudança de ares, e se estou melhor ou peor; escrevi aquellas linhas para me justificar de haver passado tres semanas em Bellas, quando toda a gente se aborrece do sitio ao cabo de tres dias de residencia.

E não é porque o logar seja feio; pelo contrario, até faz lembrar a risonha Cintra. A quinta do conde de Pombeiro, sobretudo, é uma estancia deliciosa, situada mesmo no centro da villa, e a sua entrada está sempre franca para qualquer visitante.

Passeia-se alli ao novo dia, na estação mais quente do anno, sem sentir o calor do sol, e quasi sem vêr o seu clarão, aspirando o aroma das flores, ouvindo o canto das aves, e escutando em distancia o rumorejar das folhas, que o vento agita lá em cima, no tôpo de arvores gigantes.

Por toda a parte se encontra em Bellas, como em Collares, abundancia de vegetação e de agua; a cada passo se depara com uma pequena cataracta, um lagosinho, um riacho, uma ponte tosca, uma bica... mas nenhum movimento, nenhuma industria: Bellas é um formoso deserto!

E o etimologista que quizer tirar do nome d'esta povoação o corollario de que é a villa *das bellas*, talvez se engane... não sei; mas parece-me que a demonstração será difficil, por falta de elementos para o calculo.

Porém a minha idéa não é traçar uma memoria ácerca da villa de Bellas, (trabalho que, ainda assim, podia abrir-me as portas da Academia), nem mesmo occupar-me do mais lindo florão da sua corôa de formosura campestre—à quinta do marquez—; quem tiver vagar e curiosidade consulte a tal respeito a *descripção da grandiosa quinta dos senhores de Bellas*, pelo beneficiado Domingos Caldas Barbosa, (impresa em Lisboa, anno de 1799).... o que vou tentar é mui differente.

Vou esboçar algumas scenas curiosas, em que fui, senão actor, pelo menos comparsa, durante a minha residencia em Bellas: é uma série de caricaturas, apenas delineadas, sem pertenções de nenhum genero, que nas mãos de Paulo de Kock dariam, comtudo, um volumoso romance, e nas de Cham ou de Gavarni uma copiosa secção da galeria burlesca.

Se o quadro agradar, principalmente á leitora benevola, está conseguido o fim do auctor.

II

As pessoas de Lisboa que vão mudar de ares para o campo, facilmente travam relações entre si, nos passeios mais frequentados das localidades a la moda.

Em Bellas é o ponto de reunião na quinta do marquez, sitio bem escolhido, na verdade, por ser como dissemos, um logar delicioso. Aos domingos cresce ali a concorrência, quando está bom tempo, augmentada pelos ociosos que vão de Lisboa.

Era um domindo; e estava eu sentado junto á fonte que se encontra na ingreme subida para o *Senhor Jesus da Serra*, dentro da mencionada quinta, quando ouvi pronunciar o meu nome, e por entre a folhagem das arvores enxerguei um vulto que se dirigia para mim. Levantei-me, e deparei com o meu velho amigo Eduardo Osorio, que vinha fugindo aos ardores do sol para aquelle fresquissimo retiro, em companhia de duas senhoras e um homem.

Depois de apertar a mão a Eduardo, cumprimentei as representantes

do *bello* (?) *sexo*, e convidei-as a repousar um momento nos toscos assentos da encosta.

Conversando em trivialidades com o elegante Osorio, travei-lhe do braço, fui afastando-o das mulheres, sem comtudo as perder de vista, e perguntei-lhe quem eram aquellas *serésmas*.

—A velha, a do vestido côr de abobora-menina, respondeu-me Eduardo a meia voz, é viuva de um abastado mercieiro, e ainda sonha com as cebolas do Egypto. Aqui para nós, quer nomorar-me á viva força; mas o que possui não chega á conta de uma honesta independencia para um rapaz janota: dou-lhe de mão. A outra, a rapariga do immenso balão de arcos de pipa, quer ser romantica a todo o panno; é feia, como vês; veste-se mal, como estás observando; móe a gente com discursos e exclamações; cita Lamartine e Victor Hugo a todo o proposito, ou antes, sempre fóra de proposito, e queixa-se de que o mundo a não comprehende... podéra, se ella é uma tola!

«E o rapaz que as acompanha, perguntei, quem é?»

—Oh! esse é ainda mais tolo do que a rapariga, porque morre de amores por ella; e sobre uma tal desgraça, tem a não menor infelicidade de ser gago! Mas em compensação dos dois males, possui uma soffrivel fortuna em prédios, seguros na companhia *Bonança* em oitenta contos de réis.

«Ainda uma pergunta, e ultima: como te achas aqui ao lado d'estas interinas moradoras de Bellas?»

—Vim almoçar com o gago, o Ildefonso, e encontrei-me no largo com as Almeidas, minhas conhecidas de Lisboa, que voltavam da missa. Vou apresentar-te a ellas e a elle, e depois monto a cavallo, e parto para Bemfica, aonde o Vianna me espera com um soculento jantar e vinhos de cabellos brancos.

Feita a promettida apresentação, a que não pude esquivar-me, despediu-se de nós todos o folgasão Eduardo, desceu aos saltos a ingreme avenida, e desapareceu no meio do copado arvoredado, deixando pelo ar algumas notas falsas.... não das do Brazil feitas no Porto, mas de innocentissima musica.

A rapariga (Pamella é o seu nome), apenas perdeu de vista o janota Osorio, e que teve de optar entre o gago, que ella detestava, como todas as mulheres detestam, até um certo dia, os homens que as querem namorar á força, e eu, que era um conhecimento novo, e lhe fóra apresentado sob a *alcunha* de homem de letras, não hesitou um momento, e atirou-se a mim com uma chuva tal de palavreado, que, se lhe estivesse mais ao alcance, tinha-me encharcado de perdigotos.

Depois de fallar nas *Orientaes* e em *Jocelyn*, estropiando os immortaes versos dos dois grandes cantores d'este seculo, dirigiu-me, á queima-roupa, o seguinte ataque:

—O senhor tambem é poeta.... eu bem sei... hade-me recitar uma das suas poesias, aqui, n'esta encantada selva, fazendo-lhe côro aos versos o canto nos rouxinões....

«Ó minha senhora, atalhei eu, vermelho como uma cereja, e com vontade de me ver longe d'alli cem leguas.... nunca fui poeta; e que o fosse não viria improvisar oiteiros, n'um logar publico, ao meio dia.

O gago riu-se, e, como poudé lá murmurou:

— É em que a Sr.^a D. Pamella sonha, é em versos!

Ao que a espevitada litterata respondeu, arremedando-o:

— Podéra sonhar com o Sr. Ildefonso; pensar nos seus espirituosos ditos!

Tratei de aproveitar este tiroteio para me safar airoosamente; despedi-me da viuva, e comprimentava a donzella, já em retirada, quando esta me lançou a mão, como se fossemos conhecidos de ha dez annos e exclamou:

— Então já se vae embora?

Mas isto no tom de quem perguntasse se me fá deitar ao mar!

Respondi-lhe seccamente que sim, e mais nada; livre a minha mão d'entre as suas, pouco engraçadas, na verdade, e fugi, sem olhar para traz... parecia-me que sentia aquella carraça atrelada aos meus passos!

À tarde tornei a encontrar a devota de Lamartine, e cumprimentei-a de largo, para evitar a massada.... mas qual!

— Vae á noite ao theatro? bradou Pamella com voz esganiçada, vindo para mim aos saltinhos, revirando os olhos, e fazendo tregeitos com a bocca.

«Não sei ainda, minha senhora. Hoje representam os authomatos?

— Os de pau, não, atalhou a doutora, saboreando o proprio *espirito*, esta noite representam os authomatos de carne e osso; dão-nos a *Modesta* do theatro normal....

«D'essa me livrarei eu, respondi sorrindo.... guardo-me para os outros.¹ Boas noites.

Eu fui-me esgueirando para o estanco real. Pamella seguiu com a mamã e o gago pela estrada de Mafra, de passeio até ao *mirante novo*.

III

Dois dias depois (terça feira 22 de maio) achei-me outra vez em inevitavel *tête-à-tête* com a caricatura de George Sand, a senhora D. Pamella d'Almeida.

Foi á porta do correio de Bellas que teve logar o encontro, isto é,

¹ Havia então em Bellas companhia dramatica e theatro de authomatos!!

diante do prosaico balcão de uma mercearia. A menina ia acompanhada pela mamã e pelo gago.

Perguntámos se já tinham chegado as cartas de Lisboa.

— Ainda não veio o correio, respondeu uma mulher, que servia no impedimento ou ausencia do director da posta.

«Esperemos, disse eu; são quasi seis horas, não pôde tardar.

— Hoje ha de vir mais tarde, acrescentou um saloio, que estava fóra da porta arranjanado os ceirões do seu burrico; como o cirio do Cabo passa esta tarde em Pontepedrinha, o padeiro que traz a mala demora-se por lá a ver a festa.

Esta noticia era dada como explicação corrente do mais trivial acontecimento do mundo!

O director do *Post-office* de Londres deve vir a Portugal, aprender estes segredos de locomoção acelerada em materia de transporte de malas, na inspecção geral do nosso correio!

Note-se que á segunda feira não ha mala.... Porque?

.....
Era quasi noite quando chegou o padeiro, com os seus dois cavallos a passo, e o massinho de cartas e jornaes para os moradores de Bellas.

Escolhemos os papeis que pertenciam a cada um de nós, e Pamella beijou, de maneira que eu visse, mas fingindo envergonhar-se de ser surpreendida n'aquelle innocente acto, uma carta viñda de Lisboa.

«É d'elle? disse-lhe eu, a meia voz, sorrindo, e com vontade de soltar uma gargalhada.

— É.... oh! não.... sim.... ah! E riu-se, de um rir nervoso, rouco, stridente, a menina Pamella.

— Eu sei de quem é a carta, segredou-me ao ouvido o gago; quinta feira, que é dia santo, vem elle cá, o homem que ella me prefere.... hei de mostrar-lh'o.

«Não desanime, respondi eu a Ildefonso de Moura; conserve o lugar de substituto, que está mais apto a entrar, em caso de vagatura, no coração da seductora Pamella.

— Está apaixonada! balbuciou elle, muito triste.... mas foi-se chegando para junto da Dulcinéa.

A menina, que havia acabado de ler a carta, guardou cuidadosamente no seio o precioso talisman, e voltando-se para a velha, disse com a costumada volubilidade de palavras e gestos:

— E agora aonde vamos?... É tarde para irmos ver a grande obra do encanamento das aguas.... Na quinta já pouca claridade haverá.... oh! passeiemos no largo....

— E dirigindo-se a mim, continuou, com voz de mendigo impertinente:

— O senhor acompanha-nos?... .im?... oh! sim... tenha paciencia. E filou-se-me ao braço, como uma sanguisuga.

Felizmente que estava apaixonada! Não fosse o demonio tental-a a querer-me incluir na conta dos seus eleitos.

Às oito horas, tendo recusado tomar chá na hospedaria do *Grazina*, aonde a mãe e a filha estavam alojadas, recolhi-me ao *hotel-Verol*, aonde esperei o somno, lendo algumas paginas de Balzac e de Jules Janin.

IV

Passaram-se outros dois dias. Estavamos em quinta feira da Ascensão. Vieram de Lisboa muitas carruagens, com gente resolvida a divertir-se bucolicamente nas frescas sombras de Bellas, e entre os diversos vehiculos chegou tambem uma d'estas novas sejes de invenção do Sr. Gomes, a que os boleeiros chamam *irmãs da caridade*, trazendo o querido de D. Pamella.

O gago que estava comigo no largo estremeceu ao avistar o ditoso preferido, e gaguejando mais ainda do que costumava, exclamou:

— Elle ahí vem....

«Quem?

— O Bernardino Ribeiro....

«Pois não morreu em Jorge da Mina ha trezentos annos?

— Qual!... Está vivo.... É o amante de Pamella.

«Ah!.... agora percebo.

E cavalgando a luneta no nariz, olhei para uma das portinholas da seje que parava junto de nós.

«A cara é bonita, acrescentei; e o corpo? e o juizo?

— Vae ver, tartamudeou o tatibitati, esfregando as mãos, e rindo muito, com aquelle riso alvar da estupidez maldosa.

Bernardino Ribeiro apeou-se.... era da altura de uma creança de doze annos, com duas corcovas, uma adiante outra atraz.

Em vez do poeta das *saudades* apparecia-me a figura grutesca de Triboulet ou Rigoletto!

Apenas se apeou o homem da dupla giba veio apertar a mão ao gago, e como eu estava ao lado d'este, cumprimentou-me com toda a urbanidade, ao que retribui com o ar mais serio que me foi possivel arranjar.

Immediatamente Pamella, que estava á porta da quinta, deixando pela pôpa fóra a pobre mãe, cujos calos lhe peavam a andadura, fez toda a força de vela e de vapor em demanda do seu *mais que tudo*.

E abordou-o.... lançou-lhe os arpeós, isto é, precipitou-se-lhe nos braços, como uma actriz do theatro normal nas scenas de reconheci-

mento, soltando, como ellas, um longo e fundo suspiro, e mostrando uma lagrima no canto do olho, e a ponta do nariz avermelhada.

— Chegou!?

— Cheguei!...

Singelo dialogo, sublime de parvoice!

Pouparei o leitor á audição do resto da interessante conversa, a que eu tambem me esquivei logo que poude.

Pamella travou do braço do corcunda, e com a atrapalhação de levantar as saias, que se lhe enredaram nos pés, quebrou um arco do balão, que era de junco, ficando com o vestido espetado para um dos lados, e mostrando do outro um pé, não espaçoso, mas armado de afugentador joanete!

N'esse mesmo dia, ás Ave Marias, appareceu-me no quarto do hotel o Sr. Ildefonso de Moura, suando alegria por todos os póros; era portador da faustosa nova de que Bernardino Ribeiro desenganára a *soi-disant* Beatriz a respeito do casamento.

«Ahi tem livre o campo, disse eu ao enamorado gago; se não lhe repugna o *caldo requentado*, atire-se á moça.

E accrescentei *in petto*:

«Agora é preciso, mais do que nunca, fugir da preciosa ridicula, em quanto não volto a Lisboa, para evitar as confidencias e queixumes.... são oito dias de jogo das escondidas.»

V

Com a deserção do giboso tornou-se Pamella uma verdadeira cascata. Cada vez que a vi, de fugida, durante os ultimos dias que estive em Bellas, pareceu-me mais feia e mais panasqueira do que nunca; sempre com os olhos vermelhos e arremelgados, fazendo *beicinho e carinhas*, suspirando ruidosamente, e diligenciando tossir para se dar ares de *poitrinaire*: era verdadeiramente uma creatura antipathica a tal *blue-stocking*!

E Ildefonso morria por ella; procurava enchugar-lhe as lagrimas ao fogo do seu amor; porém a creatura, envergonhada da repulsa do corcunda, mais do que pungida pela perda d'aquelle amor de comedia, queria vingar-se, namorando qualquer outro que apparecesse, menos o gago, porque com esse não podia fazer pirraça a Bernardino; além de que, Ildefonso estava sempre certo para uma occasião desesperada, e a filha do mercieiro não se resolvia, por ora, a dar attenção ás pieguices amorosas do tartamudo, que a incommodava tanto, quanto ella atormentava qualquer desgraçado que lhe caía debaixo das mãos, com as suas tolices romanticas.

Ildefonso vinha todos os dias contar-me em que estado se achava o seu negocio, e pedir-me conselho sobre o assumpto: a conclusão que tirei dos seus ultimos relatorios, foi que a donzella se ia humauisando, á falta de melhor victima.

VI

Chegou o dia destinado para o meu regresso a Lisboa. A carruagem que ia conduzir-me parou á porta da hospedaria por volta das quatro horas da tarde, e como eu tivesse acabado de jantar, e nada mais me prendesse em Bellas, peguei no sacco de viagem, e saltei lesto para a rua.

Ildefonso de Moura, que vira chegar o trem, e sabia da minha partida, estava no largo, á espera que eu descesse, para me dizer adeus, e mais ainda para me contar os successos de momento.

«Amigo Ildefonso, disse eu ao pobre gago, apertando-lhe cordealmente a mão, se quer vir até Lisboa, tenho um logar para lhe offercer, com todo o gosto, n'este *tivoli*.

— Obrigado, meu caro senhor, respondeu aquelle bom rapaz, com a lingua mais entaramelada do que de costume; tinha uma ultima confidencia a fazer-lhe, e um derradeiro conselho a pedir-lhe...

«Diga-me; escuto-o com o maior prazer.

— A menina cedeu finalmente, e está prompta a casar comigo.... que lhe parece?

«Quer que lhe falle com franqueza? disse eu, cravando olhos de piedade sobre o infeliz tartamudo, e abrindo ao mesmo tempo a portinhola do carro....

— Obsequieia-me muito.

«Pois acho que faz uma chapadissima asneira!

E entrei para dentro da *caleche*.

— Ora!... o senhor tem coisas!... balbuciou Ildefonso, com um riso forçado. Eu sempre caso antes que ella se arrependa...

«Pois case.... mas parece-me que fazia muito melhor deitando-se n'um poço, de cabeça para baixo.

E fechando a portinhola, bradei ao cocheiro:

«Para Buenos-ayres.

— Obrigado, murmurou o gago, afastando-se do alcance das rodas.

«Adeus, futuro pae de familia.

D'ahi a uma hora estava em Lisboa.

Não sei se já apertou o nó do matrimonio aquelle par de toleirões... ao menos não *sujarão duas casas*, como diz o nosso povo.

Lisboa, 30 de maio de 1860.

F. M. BORDALLO.

CHRONICA

Ha uma importante novidade litteraria a consignar: é o renascimento do folhetim. No mesmo jornal em que já havia tido a sua época brilhante, mas que deixára interromper, e que novamente se inaugurou. Firma-o outro nome, nome que converteu as saudades em esperanças — saudades merecidas, esperanças valiosas.

Em Lopes de Mendonça e Julio Cesar Machado, como folhetinistas, notam-se iguaes qualidades, mas sob differente forma. Mendonça era sarcastico; Machado é só malicioso, N'aquelle, era mais vulgar a satyra pungente; n'este, encontra-se de preferencia o riso epigrammatico. Finalmente Mendonça primava na elegancia litteraria das analyses: Machado prima na graça espontanea da critica.

Renasceu pois, o folhetim na *Revolução de Setembro*, e renasceu, vivo, animado, scintillante, promovendo logo a curiosidade e alcançando immediato prestigio. A terça feira que era para muita gente dia aziago, principiou a deixar de o ser para os assignante d'aquelle jornal, que esperavam anciosos pela agradável e espirituosa palestra de Julio Cesar Machado, palestra que elle tinha promettido estabelecer ás terças feiras. A promessa até hoje tem sido religiosamente cumprida, e o que é mais, crescendo em interesse e augmentando em valia. N'este momento o folhetim da terça feira é já senhor de um bello privilegio, tornou-se moda. De todas as palavras até agora inventadas é esta a mais prodigiosa, apesar de terem havido outras de tão pronunciada influencia para agitar paizes, apaixonar espiritos, revolucionar populações, promover crises e derrubar ministerios. É verdade que a maior parte d'estas desvaneceram-se subitamente sem deixar o menor traço que as

recorde, em quanto que a palavra *moda* sobrevive a todas e impera sempre. Nenhum lhe excedeu ainda o prestigio nem lhe eclipsou o poder: é a primeira realisa da época. Mesmo aquelles que pretendem negar-lhe o dominio absoluto, reconhecem-lh'o mais tarde ou mais cedo. Os mais ferozes detractores tornam-se insensivelmente satellites voluntarios. A raça dos *inflexiveis*, que bem pouco numerosa era já, extinguiu-a de todo. Não ha profissão de fé que lhe resista, não se levanta opposição que não corrompa. Embora a classe dos apologistas seja limitada, a dos adeptos é immensa.

Ora na presença do que deixamos dito e sendo incontestavel o merito d'aquellas divagações tão chistosas e por vezes brilhantes, como não ha de ser o folhetim da terça feira extremamente procurado e justamente apreciado? Ali não se offende ninguem e analisa-se tudo; ali ha tanta delicadesa na critica de uma obra, como finura na observação de qualquer ridiculo social.

Era portanto justo que agradasse, e até conveniente que se tornasse moda. É uma boa moda, uma moda util, uma moda que póde ser proveitosa, uma moda que talvez venha a prestar um grande serviço. Sabeis qual? Eu vol-o digo. Obrigar a lér, coisa mui pouco generalisada n'esta terra.

Ao menos agora, podêmos suppor que ha um dia na semana em que algumas das nossas elegantes lêem um quarto de hora. Reparem que dissemos algumas, pois de muitas sobemos que na leitura cifram o seu melhor passatempo. Mas nem as outras já só lêem á terça feira, lêem tambem á quinta feira! E d'esta vez foi uma elegante tambem que tal resultado conseguiu. Todos a conhecem, mas ainda ninguem a viu. Crê-se na sua elegancia por que se tem mostrado versada nos segredos que a fazem distincta; crê-se no seu espirito por que o revela no que escreve. Duvida-se unicamente da sua belleza, e com razão. Se fora bonita não conservaria por tanto tempo o incognito. Assim como não duvida ostentar publicamente os altos dotes da sua intelligencia, tambem não duvidaria deixar-nos admirar es dotes da sua formosura. Já nos lembrou uma coisa. Será casada a talentosa Carolina***? Viverá fechada a sete chaves pelo marido? Cahiria no poder d'algum Othello de casaca e luva branca?

Mas, sendo assim, como se explicam as numerosas e exactas descripções que nos faz de todos os espectaculos, de todos os bailes, e de todos os acontecimentos notaveis que se dão na capital? Vê-os por força, está presente a elle? Porém, como? Onde? Debalde temos percorrido todos os camarotes em noite de peça nova, debalde a temos procurado em todos os bailes. Nunca podemos justificar uma desconfiança sequer. Bonita ou feia, velha ou moça, ha de por força haver n'aquella physionomia um signal que lhe deixe adivinhar o talento! No rasgado talvez da frente, ou no lume dos olhos, ou na expressão dos labios! E de tudo isto temos visto nos salões e theatros onde aventuramos as nossas pesquisas, mas nada ainda que nos realisasse a soberba Carolina***!

N'um lindo conto de Mad. Girardin *La Canne de Balzac* estará por acaso a explicação d'este mysterio? Como a bengala que a illustre escriptora attribue a Balzac e que o torna idvisivel quando elle a muda da mão direita para a esquerda, facilitando-lhe assim a observação. Possuirá Carolina*** algum leque com igual virtude? Quem sabe!

Senão, lá vai a ultima supposição, e a que julgamos mais acertada. Entre Julio Cesar Machado e Carolina*** suspeitamos que ha as mais estreitas relações, tão estreitas qua até não duvidamos acreditar n'algum casamento clandestino.

D'este modo tudo se explica. O observador é elle; os commentarios são d'ella. É uma collaboração legal e auctorisada pela igreja.

Temos a annunciar a publicação d'um bello folheto, devido á penna distincta do sr. Andrade Ferreira, intitulado *A reforma da Academia das Bellas Artes*. É uma serie de considerações, sobre o estado em que se acha a Academia, apontando ao mesmo tempo, quaes os melhoramentos necessarios, para que aquelle estabelecimento, de accordo com os systemas hoje adoptados nos melhores institutos de bellas artes de Italia e França, possa educar, de uma maneira regular os mancebos que patenteiam vocação para os diversos ramos das artes do desenho. N'este trabalho o sr. Andrade Ferreira denuncia um estudo consciencioso e os mais vastos conhecimentos do assumpto. Recommendal-o pois, é prestar um serviço aos interessados, que são todos aquelles que presam a arte e fazem votos pelo seu engrandecimento.

A proposito cabe mencionar em seguida um obra artistica d'um distincto amator. É o *Retrato de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V*, executado pelo sr. Lupi, para o Tribunal de Contas. Muitos foram os louvores que lhe tributou a imprensa diaria, e todos elles merecidos. É facil prever o futuro d'um pincel que se manifesta tão seguro ainda, depois d'um largo espaço de quasi inteira ociosidade. Considerado debaixo d'este ponto de vista, bem mesquinhos ficam todos os defeitos e mais notaveis se tornam as bellezas que se lhe admiram — e que são muitas.

Ao sr. Lupi sobra talento para amator, e deve cultival-o, porque tem diante de si um futuro de artista.

Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando, a quem a *Revista Contemporanea*, deve já tantas e tão distinctas provas do verdadeiro interesse que lhe merece, honrando-a sempre com a sua collaboração, que lhe dá um extraordinario patrocínio, acaba de receber uma nova prova com a bella gravura com que hoje memoseamos os nossos assignantes. É mais uma phantasia do real artista, tão cheia de originalidade como quasi todas as suas obras e das mais explendidas em vigor. É copia d'um desenho á penna que Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando mandou, como brinde, ao maestro Rossini.

No theatro normal tem continuado a representar-se e a chamar a concurrencia o drama *Joanna a Doida*. No fim de todos os actos o publico applaude freneticamente a actriz Emilia, e n'algumas situações festeja igualmente o actor Tasso.

ERNESTO BIESTER.